

Peregrino
Manuel de
Lemos escreve
sobre Jerusalém

Opinião → Pág. 23



Braga
Começaram
comemorações
dos 500 anos

Em Ação → Pág. 13



Empreender
Apoio à criação
de emprego
na Covilhã

Em Ação → Pág. 11

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

diretor: Paulo Moreira | ano: XXIX | fevereiro 2013 | publicação mensal



Até onde deve ir o Estado social?

União das Misericórdias Portuguesas e Misericórdia do Porto estão a promover um ciclo de debates sobre as funções do Estado Social. As últimas sessões tiveram lugar em Évora e Braga. O objetivo final é a apresentação de um relatório que será um compêndio das reflexões colhidas entre a diversidade dos atores sociais participantes

Ciclo de debate
contará com um total
de sete conferências

neste processo, e que será entregue ao Presidente da República, ao primeiro-ministro e outros órgãos do Estado
Destaque, 3 e 4

Estado de mínimos ou Estado de direitos?

Opinião Para o deputado do Partido Socialista, Pedro Marques, a pergunta sobre a reforma do Estado social é apenas uma: “Queremos manter e melhorar, com uma atitude reformista, o Estado de direitos sociais que temos, que todos financiam através de impostos e contribuições, e do qual todos podem beneficiar, ou queremos um Estado de mínimos sociais, um Estado social para pobres, que redundará num pobre Estado social? 22

Educação 19

Creche para
66 crianças
na Merceana

Património 20

Curso
de iluminuras
em Guimarães

Entrevista Bagão Félix



Desafio está numa economia mais pujante

→ Em entrevista ao VM, o ex-ministro da Segurança Social e das Finanças e Administração Pública conversou sobre a necessidade de refundação do Estado social em Portugal. Para Bagão Félix, que é atualmente

conselheiro de Estado, Para Bagão Félix, a verdadeira reforma passa por aumentar a criação de riqueza. O grande desafio está numa economia que seja mais pujante e mais adequada. **Em Ação, 6 e 7**

PANORAMA

ESPAÇO SÉNIOR

NÃO FAZ MAL
DIZER NÃO

Não me atrevo a avaliar qual a decisão mais acertada, se a do seu antecessor que carregou o seu compromisso até ao fim, ou a deste que humildemente aceita renunciar, por sentir a impossibilidade de desempenhar tão exigente cargo

Quando Bento XVI foi eleito, confesso que o aceitei com reservas. Provavelmente é grande presunção da minha parte atrever-me a dizer se aceitei mais ou menos o Representante de Cristo na terra, mas foi assim. Parecia-me demasiado em tudo. Demasiado conservador, demasiado intelectual, demasiado inteligente e demasiado distante para descer até nós e compreender os nossos anseios, as nossas dúvidas, as nossas contestações.

Continuo a pensar que é demasiado.

Sem o carisma do seu antecessor, ei-lo a efetuar viagens duríssimas, tanto em horas de voo, de clima local e de ambiente hostil ou desinteressado.

Para meu espanto, comecei a ver a imagem que este demasiado nos transmitia: amor, humildade, autenticidade.

A sua figura, em recolhimento profundo frente ao muro das lamentações em Jerusalém, é verdadeiramente comovente.

O olhar carinhoso, o gesto reconfortante de colocar a sua mão na mão de um Fidel Castro, visivelmente alquebrado, é a definição de solidariedade perante o sofrimento de qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo.

E finalmente esta decisão de renúncia, que deixou o mundo estupefacto. Não me atrevo a avaliar qual a decisão mais acertada, se a do seu antecessor que carregou o seu compromisso até ao fim, ou a deste que humildemente aceita renunciar, por sentir a impossibilidade de desempenhar tão exigente cargo.

Um tempo e um lugar exigentes requerem um desempenho de excelência e Bento XVI não se contentava com menos.

Tomemos o seu exemplo. Já adiantados nesta nossa caminhada, não temos que nos envergonhar ou culpabilizar por já não sermos capazes de fazer isto ou aquilo. Temos sim que, lucidamente, admitir as nossas fragilidades e deixar o lugar para os melhores equipados, iniciando um novo percurso, à medida das nossas possibilidades. Com a sua bênção, tentemos a excelência nas novas tarefas, mesmo pequenas, a que nos propusermos.



Purificação Noronha
Academia de Cultura
e Cooperação da UMP
academiadecultura@ump.pt

A SUBIR
NÃO AOS TESTES
EM ANIMAIS

A União Europeia vai proibir, a partir de 11 de março, a importação e venda de produtos de cosmética testados em animais. Proibição estende-se a todo o tipo de produtos.

A DESCER
CAVALO
POR VACA

A Autoridade de Segurança Alimentar e Económica encontrou carne de cavalo em alimentos portugueses que deveriam conter carne de vaca. Cinco processos-crime foram instaurados.

A FRASE



PAPA BENTO XVI

“Todos nós sabemos que a palavra da verdade é a força da Igreja e a sua vida”

na sua última audiência

→ A FOTOGRAFIA



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

BELÉM APRESENTAR CUMPRIMENTOS FORMAIS

Os dirigentes do Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) estiveram recentemente no Palácio de Belém. O objetivo da iniciativa foi a apresentação formal de cumprimentos ao Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, no início deste mandato para o triénio de 2013 a 2015 à frente da UMP. A audiência teve lugar no dia 5 de fevereiro. Recorde-se que a equipa do Secretariado Nacional da UMP manteve-se praticamente na sua totalidade. Joaquim Mourão, provedor da Santa Casa de Idanha-a-Nova, é o novo membro.

→ O NÚMERO

23

MIL EMBALAGENS

No âmbito do banco de medicamentos, criado pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social, as Misericórdias aderentes já encomendaram mais de 23 mil embalagens. Os dados reportam-se a 31 de dezembro de 2012.

→ O CASO

GAIA
O AMOR
NÃO TEM
IDADE

O amor não tem idade. Por isso, na Santa Casa da Misericórdia de Gaia o Dia dos Namorados, celebrado a 14 de fevereiro por causa de S. Valentim, foi mote para uma série de iniciativas.

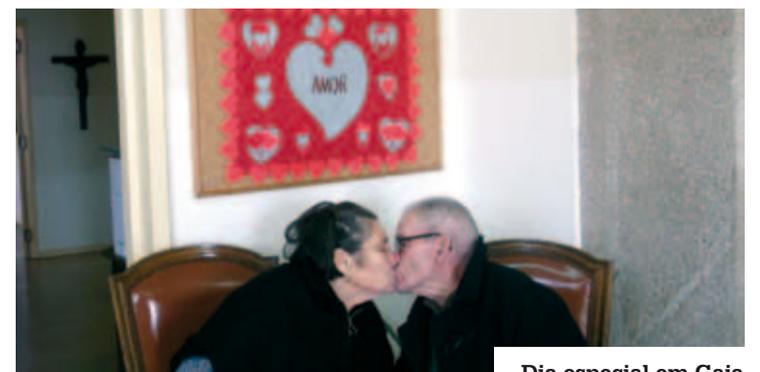
No Lar António Almeida Costa, o amor esteve em cima da mesa no encontro Conversas Abertas. Os lares sociais Salvador Brandão e José Tavares Bastos também festejaram o amor ao mais alto nível, demonstrando que o amor não tem idade.

O painel repleto de convidados de destaque para o Lar António Almeida Costa abordou o tema do amor, nas suas diversas vertentes, para uma plateia atenta. O mesário responsável, Jorge Soares, abordou o tema de forma descontraída e

divertida, realçando que se deve separar o Dia dos Namorados do Dia do Amor: “Quando éramos novos namorávamos com uma rapariga e na semana a seguir com outra, então onde estava o amor?”, brincou o responsável, mas destacando a vertente do amor em família.

Também no Lar Salvador Brandão a data foi escolhida para celebrar o amor. A diretora, Irene Fontoura, expôs aos presentes, entre utentes e outros convidados,

os casos de amor entre casais que foram acontecendo no lar ao longo dos anos, e que, gradualmente, foram ganhando a aceitação e a simpatia de todos. O lar já foi palco de vários casamentos entre utentes que se conheceram no lar, mas existem muitas outras histórias, como contou a diretora: “Tivemos e ainda temos outras histórias de amor que não se concretizaram em casamento, mas que merecem todo o nosso respeito”.



Dia especial em Gaia

OPINIÃO

O EXEMPLO
DE BENTO XVI

Foi um forte testemunho de alguém para quem a fé é mais do que um mero e rotineiro acreditar. Fica a confissão humilde de uma impotência; mas testemunha-se, acima de tudo, a generosidade de uma fé, e um amor a uma causa

Alguém, e com muito bom senso, comentou o generoso, mas inesperado, gesto de Bento XVI, em renunciar ao seu múnus de Papa, abdicando do seu direito de continuar a liderar a Igreja Católica, para testemunhar o direito humano e sagrado de envelhecer.

Razões da mais diversa natureza tiveram o seu peso, afirmaram a sua razão e testemunharam as suas razões. Foi um gesto nobre e generoso que só um gigante da fé teve alma para afirmar.

Foi um forte testemunho de alguém para quem a fé é mais do que um mero e rotineiro acreditar.

Como já alguém o sublinhou: “Coragem de quem tem a profundidade da inteligência e o heroísmo da humildade próprio de Santos!”

“Ato extraordinariamente corajoso” lhe chamou o nosso cardeal D. José Policarpo.

Lembrando, como se impõe, que “a Igreja, dizendo-se de condição divina, e com promessas de eternidade, é a instituição que está mais à mercê das contingências do tempo e dos caprichos dos homens”; sentindo-lhes e sofrendo, por vezes, os mais estranhos e inesperados remoques e abalos, tornando-se, ao mesmo tempo, motivo dos mais contraditórios comentários.

Testemunhado no modo como o fez Paulo VI, e pelas razões que o motivaram, foi o mais generoso ato de fé na e pela sua Igreja, mostrando que governar não é apenas afirmar poder; é também reconhecer, e com todo o impacto que a fé pode exercer sobre a alma, que já se não pode; e por isso, já se não deve.

Fica a confissão humilde de uma impotência; mas testemunha-se, acima de tudo, a generosidade de uma fé, e um amor a uma causa.

Não faltarão agora os que, sabendo da Igreja apenas o que só se pode captar “espreitando pelo buraco da fechadura”, como já em tempo se escreveu um livro com esse título, os meandros do Vaticano, e espiolar mais o anedótico da notícia, do que a verdade real dos factos, aptos e mestres como alguns se mostram no ato do boato, e da intriga, do comentário fácil, por superficial; para não dizer maldoso.

A verdade, porém, é que a Igreja, tal como Cristo a fundou, não foi para fazer dela, e quase só, um feudo onde os ventos nem sempre sopram fáceis e saudavelmente respiráveis; mas, para ir a todo o mundo, e ser o mundo todo, e como tudo o que nele há de humanidade, a definir-lhe a geografia, o rosto, e até o estilo de evangelizar.

Seja, pois, qual for, e de onde vier, o novo Papa, é o mundo todo que se testemunha como uma possível, necessária e desejável, nova capital; e a mostrar um novo rosto da Igreja, que sofre e se deforma por se mostrar tão vaticanizada.

Da nossa parte, guardamos como parcela do seu testamento duas palavras – mestras, vindas de quem sabia, e com que satisfação de alma, o que eram e são as Misericórdias; guardando de Paulo VI estas afirmações da mais transparente verdade institucional: “As Misericórdias são pródigas e generosas, até ao ponto de saberem inventar novas obras de misericórdia!” e “As Misericórdias, não sendo eclesásticas, testemunham bem, porque, até que ponto, e como estão com a Igreja!”

Obrigado Santo Padre!

Manuel Ferreira da Silva
jornal@ump.pt



ON-LINE

PROTOCOLO
PARCERIA EM PROL
DO PATRIMÓNIO

→ A União das Misericórdias Portuguesas assinou recentemente um protocolo com o GECORPA – Grémio do Património. Entre outros, o objetivo principal é estabelecer uma relação de cooperação, de modo a aproveitarem reciprocamente as condições, conhecimentos e relações de que cada uma das partes dispõe, contribuindo assim para a qualidade nas intervenções ao património das Misericórdias.

FUNDÃO
VIVENCIAR O CICLO
PASCAL NA PLENITUDE

→ A Misericórdia do Fundão realizou, a 22 de Fevereiro, duas atividades no âmbito da Quaresma: a exposição de fotografias “Línguas de Fogo na Paixão | A Procissão dos Pastores da Barroca” e um debate subordinado ao tema “O Tempo Pascal | Culturas e Ritualidades”. Objetivo, entre outros, é vivenciar o ciclo pascal na sua plenitude e propiciar essa vivência aos membros da comunidade fundanense que se queiram associar.

VIMIEIRO
REVIVER TRADIÇÕES
DO ALENTEJO

→ A Misericórdia do Vimieiro promoveu mais uma edição da tradicional matança do porco. O objetivo é reviver as tradições daquela vila alentejana e, para o efeito, os utentes seniores são atores fundamentais. Antes de um almoço típico, teve lugar – como habitual – uma palestra sobre a importância da suinicultura na região. O encontro, que reúne amigos pessoais e institucionais, tem contado com a participação de cada vez mais provedores.

INSTITUCIONAL
REUNIÃO DOS CONSELHOS
DE ADMINISTRAÇÃO

→ Teve lugar em Braga a primeira reunião dos Conselhos de Administração das Instituições Anexas da União das Misericórdias Portuguesas (UMP). Presidida pelo presidente do Secretariado Nacional da UMP, Manuel de Lemos, a reunião decorreu em Braga a propósito do início das comemorações dos 500 anos da Santa Casa daquela localidade (ver página 13). A reunião dos Conselhos de Administração foi a 19 de fevereiro.

SLIDESHOW



SINES MISERICÓRDIA COMPLETOU 497 ANOS

No dia 22 de Fevereiro, a Misericórdia de Sines completou 497 anos de existência. Para assinalar este dia simbólico, a instituição organizou um conjunto de atividades nas diferentes respostas sociais, entre as quais a celebração de uma missa no Salão Social, durante a manhã, e um programa/convívio, durante a tarde, com música, com uma homenagem às funcionárias com 25 anos de serviço, e com os tradicionais “Parabéns a Você” acompanhados de bolo de aniversário.

DESTAQUE

Risco de pobreza para 42% da população

Pelos cálculos do Montepio, a ausência do Estado social conduziria a que 42% da população vivesse **abaixo do limiar da pobreza**. Número foi avançado durante debate em Braga

Alexandre Rocha

Na sequência do ciclo nacional de debates promovidos pela União das Misericórdias Portuguesas e pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, decorreu em Braga, no último dia 26 de Fevereiro, aquela que foi a quarta sessão de um conjunto de sete conferências. O objetivo final é a apresentação de um relatório que será um compêndio das reflexões colhidas entre a diversidade dos atores sociais participantes neste processo, e que será entregue ao Presidente da República, ao primeiro-ministro e outros órgãos do Estado.

Depois de passar pelo Porto, Viseu e Évora (ver texto ao lado), a sessão realizada no Minho teve como tema de reflexão a “Sustentabilidade do Estado Social”, reunindo um painel de debate composto por D. Jorge Ortega, arcebispo de Braga e responsável pela Comissão Episcopal da Pastoral Social, Pedro Marques, deputado do Partido Socialista e ex-secretário de Estado da Segurança Social e Tomás Correia, presidente do conselho de administração do Montepio. Em representação dos promotores do encontro, que foi moderado por Bernardo Reis, provedor da Misericórdia anfitriã, estiveram presentes Manuel de Lemos, presidente da União das Misericórdias Portugue-

sas, e António Tavares, provedor da Santa Casa do Porto.

Na abertura das intervenções, Bernardo Reis sublinhou o que foi um aspeto em geral recorrente ao longo do discurso dos demais conferencistas, nomeadamente a importância da capacidade das instituições sociais, e das Misericórdias em especial, de conseguir “fazer melhor e por menos” ainda mais em tempos de tamanhas dificuldades.

Passando em revista às vitórias do presente Estado social, destacam-se estatísticas como o aumento da esperança média de vida, a queda drástica da mortalidade infantil, a diminuição do analfabetismo e da pobreza, aspetos que Pedro Marques quis frisar numa análise política retrospectiva acerca da eficácia deste sistema no contexto do Portugal democrático. Contudo, a que custo a sociedade está disponível para manter o atual modelo de proteção? Sendo esta a principal interrogação do momento, a resposta para o deputado pode ser obtida num exercício comparativo com dados do Eurostat: “Em relação ao nosso PIB, os recursos do país alocados ao Estado social são inferiores aos da média europeia”, rejeitando assim uma visão de um Estado social “gordo e gastador, que esteja a esvaivar os recursos do país”. Mas não ficaria comprometida a sua viabilidade com a



manutenção dos custos representados pelas atuais pensões, a principal rúbrica do lado das despesas? “As pensões serão o menor dos problemas. A chave para a sustentabilidade está no regresso ao crescimento económico, porque as contas da Europa para Portugal apontam que o país pagará as suas pensões se conseguir um crescimento de 1,5% por ano. Mas se crescermos somente a este ritmo, o quase um milhão de desempregados que temos assim o continuarão para sempre, o que é uma tragédia social”, conclui, em tom de alerta.

Indo de encontro à ideia de uma estreita relação mantida entre o es-

tado social e o fomento económico, Tomás Correia afirmou que por em causa o Estado social é colocar em xeque a própria economia como um todo: “Pelos cálculos do Montepio, a ausência do Estado social aos mais necessitados conduziria a que 42% da população vivesse abaixo do limiar da pobreza”. Diante desta importância, o presidente do Montepio quis elogiar a das Misericórdias, especialmente na área da saúde e educação, pois estas “subsidiaram o Estado na realização de muitas das ações que lhe competem, sem as quais certamente a situação das famílias seria muito mais débil e complicada”. Na sua ótica, os agentes

de todos os setores económicos devem comprometer-se com a manutenção do Estado Social, e a banca não é exceção, que deverá acautelar a “saúde” do tecido empresarial, articulando a recuperação e o financiamento das empresas.

Por sua vez, D. Jorge Ortega veio realçar a necessidade da introdução de uma dimensão caritativa no debate, pois, assegura, “a sustentabilidade do Estado social é impossível se não dermos a devida importância à solidariedade social, sendo preciso descobrir um paradigma novo para a sociedade”. Para o arcebispo, o discurso constante da “crise” deveria dar lugar a um

→ **CORAJOSA LUCIDEZ**

A Conferência Episcopal Portuguesa considerou a renúncia de Bento XVI um ato de “corajosa lucidez” ao “reconhecer as limitações de saúde para exercer o ministério ao serviço da Igreja”.



Até onde deve ir o Estado social?

À semelhança do que está a decorrer noutros pontos do país, **Évora** também acolheu uma sessão do **ciclo de debates** sobre o Estado social

Adriana Mello

No dia 5 de fevereiro o auditório da CCDR (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional) do Alentejo, em Évora, serviu de palco para mais uma noite de reflexão no âmbito do ciclo de debates sobre o Estado social, promovido pela UMP e pela Santa Casa do Porto.

O debate foi moderado por Manuel Caldas de Almeida, provedor da Santa Casa de Mora e vogal do Secretariado Nacional da UMP, e contou com dois oradores: o padre Lino Maia, presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), e o professor da Universidade de Évora, José Bravo Nico.

O debate começou com uma ponderação, proposta pelo moderador, sobre a China: “há alguns anos todos pensávamos que um dia a China iria ser uma democracia e que poderia aumentar os seus parâmetros civilizacionais e ter um bom Estado social. O que é facto é que somos nós que estamos a caminhar em direção aos parâmetros chineses. Aquilo que começou com uma crise financeira, se alargou para uma crise económica e está agora a tornar-se numa crise de Estado a abalar os alicerces da nossa sociedade.”

O padre Lino Maia iniciou a sua intervenção elogiando a iniciativa e sublinhou a importância deste tipo de evento. “É importante que cada um, no seu meio, dê o seu contributo. Afinal, não podemos ficar à espera que uma estrutura de nível superior assuma a responsabilidade daquilo que é possível ser realizado por uma estrutura de base”.

Quanto ao programa de redução de despesa em quatro mil milhões de euros e que vai implicar uma redefinição das funções do Estado, Lino Maia afirmou que “é pena que todos, ou quase todos, pensem que refundar o Estado seja apenas cortar no social.”

Mas, afinal, quando falamos das funções do Estado e em concertação

social estamos a falar de que? Segundo o presidente da CNIS, o Estado social envolve algumas áreas em concreto: “a educação, a saúde, o desenvolvimento local, e a proteção social. São direitos sociais universais, mas não se justifica que sejam todos gratuitos. Está é a questão crucial. Há direitos que considero estruturais da cidadania e há direitos que eu considero coadjuvantes. Ora, a educação deverá ser considerada um direito estrutural, assim como a preservação da saúde, e devem ser gratuitos. No entanto, há direitos que serão sociais e universais, mas que cada um deverá participar segundo as suas possibilidades.”

O professor Bravo Nico principiou a sua comunicação a reconhecer a existência, no Estado, de duas categorias: uma engloba que as funções de soberania (como a defesa, a justiça e a diplomacia); a outra assinala as funções sociais de provisões de bens públicos (como a saúde, a educação, a

Segundo José Bravo Nico, na maior parte dos países, as funções sociais do Estado estão repartidas entre o sector público e o privado

segurança social e a repartição dos rendimentos). Na maior parte dos países, continuou o professor universitário, as funções de soberania pertencem ao sector público; ao passo que as funções sociais do Estado estão repartidas entre o sector público e o privado.

A grande questão é: até onde deve ir o Estado na partilha de responsabilidade com os privados? Para Bravo Nico é necessário, acima de tudo, pensar em grandes questões: “qual é o Estado social que queremos? Pretendemos ter quais funções de soberania? Quais são as funções sociais que desejamos e qual é o espaço que devem ocupar os operadores públicos e privados? É necessário, ainda, pensar qual será o modelo económico que poderá garantir um suporte financeiro adequado.”

Neste debate ficou claro que a reforma do Estado social pode seguir vários caminhos, mas as Misericórdias devem ter voz ativa sobre o tema. Foram levantadas pistas importantes para a elaboração de um relatório que, no fim do ciclo de debates,

“

Os agentes de todos os setores económicos devem comprometer-se com a manutenção do Estado Social, e a banca não é exceção, que deverá acautelar a “saúde” do tecido empresarial

modelo de desenvolvimento humano individual, numa dimensão integral, onde fossem considerados todos os elementos e não só a dimensão económica. Conjugando os valores defendidos pela Revolução Francesa, explicou que, na sua opinião, a falha em se alcançar uma sociedade verdadeiramente solidária estará no facto de não se associar a liberdade e a igualdade em conjunto com a fraternidade.

Já no encerramento da conferência, Manuel de Lemos revelou aquela que seria uma das principais razões que motivaram a realização destes debates: o sofrimento com que gran-

de parte da população em geral se defronta, o que, segundo ele, “diz-nos respeito diretamente, como cidadãos, como católicos, como pessoas atentas ao nosso dever, comprometidas em ajudar a todos os portugueses a terem direito a uma vida mais digna e feliz, porque todos nós temos direito à felicidade”.

O ciclo de conferências prossegue nos próximos meses e será encerrado em Lisboa. Um compêndio das reflexões colhidas entre a diversidade dos atores sociais participantes neste processo será entregue ao Presidente da República, ao primeiro-ministro e outros órgãos do Estado.

EM AÇÃO ENTREVISTA

Questão do Estado social não é um filme a preto e branco



Bagão Félix

Conselheiro de Estado, ex-ministro da Seg. Social e do Trabalho e das Finanças e Adm. Púb.

Para Bagão Félix, a verdadeira reforma do Estado social passa por **aumentar a criação de riqueza**. O grande desafio está numa economia que seja mais pujante e mais adequada

Bethania Pagin e Paulo Moreira

Uma reforma séria do Estado e o tão falado corte nas gorduras implica obrigatoriamente uma refundação profunda do Estado social e das funções do Estado?

Implica uma conceção global da despesa pública, onde também pode haver incidência sobre a despesa social. Não podemos é inverter a ordem dos fatores. Atacar a despesa pública não é cortar no Estado social, que não deve ser o primeiro alvo da configuração do Estado, mas o último, em caso de extrema necessidade. É essa inversão que eu contesto. Deixe-me dizer apenas isso: por que é que as pessoas não falam na sustentabilidade, ou falta dela, de todas as funções do Estado? Por que só falam na eventual insustentabilidade do Estado social quando é justamente a parte do Estado que se destina à redistribuição entre rendimentos sociais para as famílias.

Com base na sua experiência profissional e política, quais as áreas que deveriam prioritariamente ser alvo de intervenção tendo em vista a necessidade de reduzir a despesa?

Não sou daqueles que defendem os cortes à “moda do talho” porque esse tipo de corte não é estrutural, ou seja, não fica para o futuro. Se me perguntar se há áreas prioritárias, direi que tem de ser um trabalho de ourivesaria, de filigrana. Temos de ver despesa a despesa, departamento a departamento, instituição a instituição. Temos no Estado direções gerais que estão em situação de perfeita exaustão financeira, que não têm já condições de executar com dignidade as suas mínimas funções. E ao lado temos outros Estados - empresas, institutos - que ainda vivem, entre aspas, à grande e à francesa. Esse trabalho de ourivesaria tem de ser feito e é por isso que não concordo com esses cortes transversais. O Estado deve começar por reduzir-se e isso significa, entre outros aspetos, alienar algumas funções e aprofundar aquelas que pode desempenhar melhor, o que naturalmente conduzirá a uma redução do número de efetivos. Infelizmente, quando a situação é de pré-falência, a solução é reduzir pessoal para adequar a produção aos custos operacionais. Se é assim numa empresa, no Estado também deve ser, com a diferença de que no Estado o alimentador é o contribuinte. Os contribuintes são os acionistas do Estado e deveríamos ser nós a determinar até onde queremos que o Estado vá e onde queremos que o Estado deixe de estar.

As pessoas já não aguentam tantos cortes. Nem ativos, nem reformados. Como avalia a situação dos portugueses em geral e dos pensionistas em particular?

A grande área de corte está nos vencimentos e prestações sociais. As pessoas têm tido cortes brutais. Um funcionário público médio, desde 2009, já terá perdido, entre impostos, não atualização dos salários e cortes, qualquer coisa como 40% do rendimento real disponível. Com os

pensionistas a mesma coisa, com a diferença de que está a ser violado um contrato de confiança. A pensão não é uma despesa, mas uma transferência proporcionada por descontos anteriores. As pessoas descontaram para receber uma pensão. O Estado não pode dispor daquelas verbas como se fossem suas. Em bom rigor, se os encargos com as pensões estivessem constituídos num fundo de pensões, como um passivo, uma dívida pública, o Estado já não poderia dispor desses valores. Ou seja, o Estado está a dispor de reservas a que verdadeiramente não tem direito já que o pensionista está a receber uma renda no lugar da totalidade do capital. Não quero dizer com isso que os pensionistas paguem menos impostos, mas que, pelo menos, não paguem mais. O que está a acontecer é que para um ativo e para um reformado com o mesmo valor bruto, o reformado paga mais impostos, o que é inconcebível e indigno do ponto de vista social e humano, independente da sua inconstitucionalidade ou não. Entre taxas, sobretaxas e outros impostos, em alguns casos há uma redução de rendimento mensal superior a 50% para pessoas que já terminaram a vida ativa e não podem reverter essa situação. Isso é um verdadeiro assalto. Só mais uma nota: não estou a falar sobre pessoas que têm direito às agora apeladas “pensões douradas” para as quais não contribuíram, pelo menos significativamente. Aí, por não ter havido esforço contributivo, o governo tem a faca e o queijo na mão. Não pode é pagar a larguíssima maioria dos justos por mil “pecadores”.

No plano constitucional português, o Estado aparece como responsável por uma série de áreas que manifestamente não tem possibilidades de cumprir – garantir a habitação para todos os portugueses, uma educação gratuita, uma saúde tendencialmente gratuita etc. Faz sentido

esse tipo de questões estarem, hoje, no texto constitucional?

Tanto quanto sei, a nossa constituição é, em termos de direitos sociais programáticos, das mais avançadas da Europa. O quero dizer é: a constituição, só por si, é importante, mas não se autofinancia. Não há redistribuição se não houver criação de riqueza. Portanto, a verdadeira reforma do Estado social é aumentar a possibilidade de criação de riqueza, que significa aumentar a produtividade quantitativa e qualitativa da nossa economia. O grande desafio está numa economia que seja mais pujante e mais adequada.

Considera que o país está preparado para uma mudança de paradigma, ou seja, para um Estado que seja garante e não prestador direto de serviços sociais?

Em vez de Estado garante, prefiro a expressão Estado possibilitador. Temos de ser realistas. A questão do Estado social não é um filme a preto e branco, não podemos ser a favor ou contra e nem a questão se resolve com discursos ou com ideologias. O Estado social está sujeito a duas “ditaduras”: a demográfica, por uma boa razão porque vivemos cada vez mais tempo, e à “ditadura” dos recursos, da economia. Por isso defendo uma política que preserve estruturalmente as bases e alicerces do Estado social, como elemento de coesão entre as gerações, como maneira de combater novos riscos sociais, como isolamento, doenças geriátricas, dificuldade dos casais jovens em partilhar responsabilidades pessoais e profissionais etc. Isso são novos riscos que nos anos 50, 60, 70 não existiam. E também as novas formas de pobreza e sobretudo o aumento estrutural do desemprego, jamais haverá pleno emprego como dantes. Todos esses fatores levam a que tenhamos de ter uma nova moldura para o Estado social. Perguntou se acho se estamos preparados. Penso que ainda não. Por duas razões. A





→ APRENDER BRINCANDO

A Misericórdia de Vila Franca do Campo promove a I edição das Jornadas Lúdico-pedagógicas, sob o tema “Aprender Brincando: O lúdico como instrumento de aprendizagem”. Em Abril.



Bagão Félix já foi ministro das Finanças e da Segurança Social

“

O Estado deve começar por reduzir-se e isso significa, entre outros, alienar algumas funções e aprofundar aquelas que pode desempenhar melhor

Temos de dizer às gerações mais novas que não podem depender exclusivamente da proteção social pública. Têm de partilhar riscos

primeira é porque não estamos habituados a uma cultura sociológica e comportamental de partilha de riscos sociais. Estamos habituados em Portugal a acreditar que o Estado resolverá todos os nossos problemas. Já não há condições para isso e temos de dizer às gerações mais novas que não podem depender exclusivamente da proteção social pública. Têm de partilhar riscos através da poupança, que é a renúncia ao consumo imediato, ou seja, uma forma velada de austeridade. Como diz o povo, não podemos colocar todos os ovos no mesmo cesto. Essa é a alteração do Estado possibilitador, que continua a ser o alicerce da proteção social, mas que não seja totalizante e que não asfixie alguma liberdade de escolha das pessoas nos diversos domínios da sua vida.

Nas declarações públicas sobre as funções do Estado social, tem referido que é mais fácil cortar nessa área porque as pessoas, na maior parte desprotegidas e carenciadas, não se conseguem organizar em grupos de pressão. Considera que as Misericórdias e outras IPSS podem ter um papel relevante na defesa dessas pessoas?

Como grupos de pressão não sei. Mas o que as Misericórdias podem, têm feito e certamente farão ainda mais, são duas ou três coisas que qualquer Estado social não é capaz de dar. Em primeiro lugar, uma expressão de proximidade e capilaridade. Ou seja, uma solidariedade mais direta, rosto a rosto, não burocrática e mais liberta. Eu costumo usar uma imagem de retórica que é imaginar que, de repente, desapareceriam da proteção social portuguesa, todas as IPSS e todas as Misericórdias. Seria o caos completo... Às vezes é bom criar o absurdo de imaginar a não-existência para percebermos a importância da existência. Um segundo aspeto é não ter ideias teorizadas e estanques das funções

sociais. Hoje o risco social é cada vez mais indissociável. O idoso tem o risco da doença, do isolamento, da pensão etc. O Estado é obrigado a isso, desde logo em cuidados sociais e de saúde. A atenção que as Misericórdias têm dado aos cuidados continuados, à rede geriátrica, à tentativa de maior entrosamento entre as diversas gerações cobertas, são exemplos de iniciativas que deveriam ser potenciadas e não atrofiadas. E devo dizer que o governo tem dado alguns contributos, embora com pouco dinheiro, com vontade e acreditando nessa visão de sociedade.

Num quadro de necessidade de diminuir a despesa pública, que papel podem ter as Misericórdias e o setor social para ajudar o Estado a atingir esse objetivo?

O papel é inerente a uma grande reforma do Estado social que é a aplicação de um grande princípio da doutrina social da Igreja: a subsidiariedade. Se podemos resolver os problemas ao nível mais próximo, tanto melhor. Tudo que pudermos resolver, primeiro no seio da família, depois junto das instituições de proximidade, de contexto local ou paroquial, é mais eficiente, mais justo, mais harmonioso e tem maior sentido de coesão. Nesse sentido é que acho que o Estado deve apostar cada vez mais na força subsidiária das Misericórdias e também na sua sabedoria de, em alguns casos, de séculos. Essas coisas da solidariedade não se aprendem nos manuais. Aprendem-se na vivência, com as dificuldades e os obstáculos. Na política, mas também na vida em geral, devemos ser guiados por três vértices. Primeiro, o conhecimento, aquilo que aprendemos na escola. Depois, a experiência, a aptidão, a destreza. Muitas vezes as pessoas sabem muitos, mas não sabem executar. Finalmente, o terceiro vértice, um bem precioso que por vezes escasseia, que é a sabedoria. São essas as chaves para o futuro das Misericórdias.

EM AÇÃO

Viana do Castelo serve 130 refeições por dia

Cantina social está a funcionar desde o Verão e **serve diariamente cerca de 130 refeições**. Provedor gostava de poder ajudar mais pessoas

Susana Ramos Martins

Emília (nome fictício) chega com um sorriso estampado no rosto. Quem a vê não advinha que a passagem do tempo tatuada na pele esconde uma vida madrastra. Foi por aquela face que escorreram lágrimas de espanto e de alegria quando, há poucos meses, descobriu que ia jantar bacalhau, uma iguaria que já não provava há anos. Emília, o marido e dois filhos adolescentes são uma das 19 famílias a quem a Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo acode através da cantina social.

Um projeto que, na capital do Alto Minho, está a correr “muito bem”. A garantia é dada pelo provedor, Vitorino Reis, que garante que tal só é possível graças a uma “grande” disciplina, que foi implementada com um regulamento “muito preciso” e o cumprimento “muito rigoroso” das regras.

A cantina social nasceu no Verão do ano passado em Viana do Castelo, com a Segurança Social a dar luz verde a uma vontade antiga do provedor, que pretendia dar resposta aos muitos pedidos de ajuda que a instituição recebe diariamente.

“Disciplina e rigor” são as bases de um projeto pautado pelo respeito à dignidade dos beneficiados. Vitorino Reis revela as 19 famílias beneficiadas (cerca de 65 pessoas) são protegidas dos olhares públicos e recebem a comida como se recorressem a um serviço de take away.

Todos os sete dias da semana, durante uma hora ao final da manhã e outra ao final da tarde, uma porta do lar de Santiago, propriedade da Misericórdia de Viana do Castelo, é aberta por uma funcionária. Um a um vão chegando os beneficiários da cantina social. Resguardados dos olhares, en-

tram nesta porta localizada numa rua discreta, apresentam o cartão que os identifica e recebem a refeição. Sopa, pão, o prato principal e a sobremesa já estão acondicionados em embalagens separadas, descartáveis e estanques. Uma refeição individual para cada membro do agregado familiar. Com o saco na mão - uma embalagem discreta e sem qualquer indicação do que contém no interior -, e depois de assinarem uma folha para confirmar a receção da comida, partem rumo a casa. É sempre assim ao almoço e ao jantar.

Os beneficiários são cerca de 65 pessoas previamente sinalizadas por uma junta de freguesia da cidade de Viana, pela Segurança Social e pelo Gabinete de Apoio à Família (GAF). Os pedidos de apoio chegam à Misericórdia, são analisados pela psicóloga da instituição, Raquel Ribeiro, que posteriormente realiza uma visita domiciliária para perceber as reais condições de vida destas pessoas. “Assim não há surpresas”, explica a técnica.

Na sua maioria, as famílias apoiadas são constituídas por pessoas com uma média de idades a rondar os 50 anos, que trabalhavam, mas, entretanto, ficaram sem emprego e, conseqüentemente, sem possibilidade de fazer face a todos os encargos assumidos. “Muita pobreza envergonhada”, confessa Vitorino Reis.

Raquel Ribeiro corrobora, contando o caso de um casal de reformados, que foram sinalizados por um familiar deles, mas que, apesar de precisarem de ajuda para comer, recusaram ir buscar as refeições por vergonha. Já ao provedor o que mais choca é ver o número de crianças que precisam de ajuda para fazer uma refeição: “são muitas, muitas crianças”.

A servir uma média diária de 130 refeições diárias só aos beneficiários da cantina social, Vitorino Reis confessa que é tempo de alargar o serviço a outras instalações da Misericórdia, já que o lar, onde a comida é cozinhada, com cinco cozinheiras, não tem capacidade para mais e a instituição quer alargar o apoio a 100 pessoas.

Integrando a rede de cantinas so-



19 famílias,
65 pessoas,
130 refeições

ciais apoiadas pela Segurança Social, a Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo recebe 2,5 euros do Estado por cada refeição servida. Aos utentes, àqueles que têm margem de manobra, é exigido o pagamento de 50 cêntimos. “Serve para responsabilizá-los e valorizarem o apoio que lhes é dado. Para quem pouco tem, 50 cêntimos é muito dinheiro”, explica o provedor.

Apenas cinco das 19 famílias é que estão a pagar esse valor. O valor arrecadado, através da Segurança Social e dos beneficiários, é insuficiente para cobrir as despesas com a cantina social, mas o provedor explica que não está a dar prejuízo à instituição graças ao trabalho das cozinheiras que, “com esforço, do pouco conseguem fazer muito e com qualidade”.

Que o diga Emília. Aos 40 anos, desempregada e mãe de dois filhos menores, não consegue pagar todas as despesas mensais com o salário do marido, atualmente o único sustento da casa. Medo do trabalho não tem. Já fez limpezas, já trabalhou em lojas chinesas, fez tudo o que lhe aparecia. Agora nada lhe aparece para fazer. Começou a usufruir dos serviços da cantina social da Misericórdia de Viana em Outubro do ano passado. De lá para cá, tem sido um descanso

Resguardados dos olhares, entram nesta porta localizada numa rua discreta, apresentam o cartão que os identifica

Integrando a rede de cantinas sociais apoiadas pela Segurança Social, a Misericórdia recebe 2,5 euros do Estado por cada refeição

em casa de Emília, pelo menos no que toca à comida. “Agora nunca me falta fruta em casa. Antigamente era muito raro comer fruta, carne ou peixe”, conta esta mulher que chorou quando percebeu que ia comer bacalhau. “Agora não me falta comida em casa, faltam outras coisas”, desabafa.

José (também nome fictício) é outro dos beneficiários deste serviço, que ajuda a alimentar a sua grande família, em que todos estão desempregados. Prestes a abastecer-se de mais uma refeição, elogia sobretudo o tempero das cozinheiras da Misericórdia, que “é bastante bom”.

Sacos cheios, Emília e José seguem cada um o seu caminho de sorriso estampado no rosto. Ninguém adivinha as dificuldades que se vivem entre as quatro paredes de suas casas. Pelo menos, fome já não passam.

Recorde-se que as Misericórdias integraram em massa a rede solidária de cantinas criada pelo governo.

TSR
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

**DEIXE A INFORMÁTICA CONNOSCO
AS PESSOAS PRECISAM DE SI!**

18 ANOS

JUNTO DAS:
Instituições Particulares Solidariedade Social
Santas Casas da Misericórdia
Associações Mutualistas

APLICAÇÕES

TSR - VIATURAS
TSR - UNIDADES DE SAÚDE Unidades de Cuidados Continuados, Hospitais, Clínicas, Fisioterapia, Imagiologia, etc.
TSR - SISTEMA INTEGRADO DE TESOURARIA TSR - Utentes, TSR - Bancos, TSR - Associados, TSR - Rendas, TSR - Caixas e Pagamentos a Fornecedores.
TSR - STOCKS Por economatos, cozinhas IPSS.
TSR - ORDENADOS
TSR - IMOBILIZADO ESNL
TSR - GESTÃO COMERCIAL
TSR - CONTABILIDADE ESNL

TSR - UTENTES IPSS
TSR - CONTROLE DE CORRESPONDÊNCIA
TSR - ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS
TSR - LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS
TSR - MÓDULO DE ORÇAMENTOS
TSR - QUALIDADE Terceira Idade, Infância e Juventude, Apoio na Vida Quotidiana.
TSR - CONTROLO DE MEDICAÇÃO (cardex)
TSR - PRESCRIÇÃO ELETRÓNICA Módulo de Receitas, Módulo de Requisições.

WWW.TSR.PT

Rua dos Cutileiros, 2684 1º - Sala 11
4836-908 Guimarães
Tlf.: [+351] 253 408 326 (3L/BA)

Tlm.: [+351] 939 729 729
Fax: [+351] 253 408 328
Email: tsr@tsr.pt

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Leia, assine e divulgue

Para assinar, contacte-nos: Jornal Voz das Misericórdias, Rua de Entrecampos, 9 – 1000-151 Lisboa
Telefone: 218110540 ou 218103016 **Email:** jornal@ump.pt

itau

Segurança alimentar total
Refeições equilibradas
Protecção ambiental

obesidade

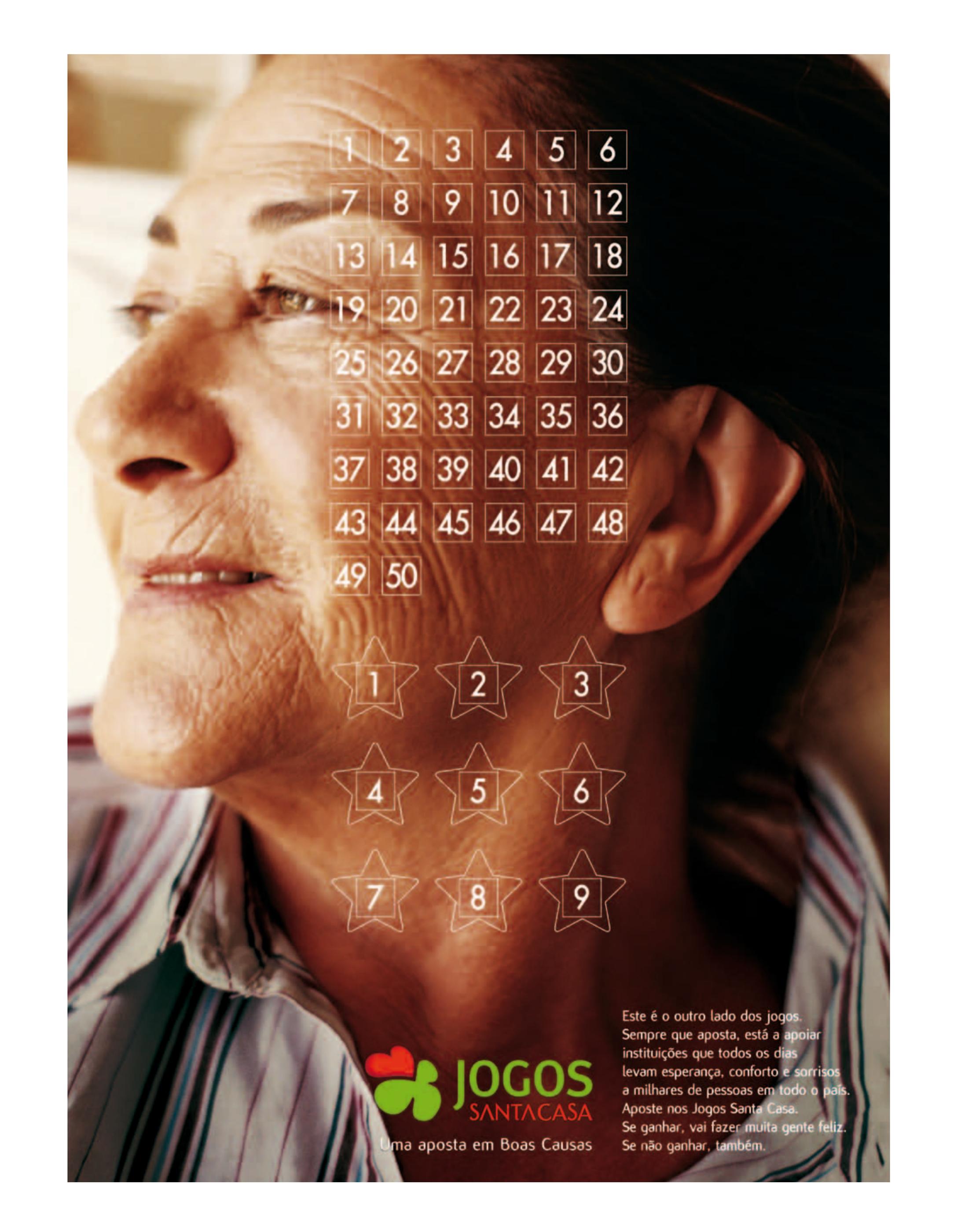
Nascemos há cinquenta anos. Somos pioneiros em pedagogia alimentar, servindo anualmente em Portugal mais de 25 milhões de refeições equilibradas e saudáveis para satisfação dos nossos clientes.

Conhecendo as especificidades do sector das IPSS, desenvolvemos um conjunto de soluções que preservam a vertente tradicional da alimentação, fortalecendo-a, com as vantagens de uma estrutura de apoio apta a resolver questões tão relevantes para as IPSS como: **controlo de custos, segurança alimentar, implementação diária de HACCP, acompanhamento nutricional, absentismo e formação profissional.**

ITAU - Instituto Técnico de Alimentação Humana, SA.

Delegação Norte: Rua de Toneses, Centro Empresarial 1, 1º/1º
4465-7171 Lagoa do Balho - Tel. 220 403 400 - Fax. 220 403 490

Sede: Largo Moinhos e das Forças Armadas 3, Alfragide
2610-123 AMADORA - Tel. 210 420 400 - Fax. 210 420 490
Email: i.ump@ump.pt - Internet: www.itau.pt



1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36
37	38	39	40	41	42
43	44	45	46	47	48
49	50				

1	2	3
4	5	6
7	8	9



Uma aposta em Boas Causas

Este é o outro lado dos jogos. Sempre que aposta, está a apoiar instituições que todos os dias levam esperança, conforto e sorrisos a milhares de pessoas em todo o país. Aposte nos Jogos Santa Casa. Se ganhar, vai fazer muita gente feliz. Se não ganhar, também.



→ AUDIÊNCIA COM O PRIMEIRO-MINISTRO

Teve lugar a 25 de fevereiro uma audiência com o primeiro-ministro para a apresentação formal de cumprimentos no início do mandato do Secretariado Nacional da UMP para o triénio de 2013 a 2015.

RECEITAS NAS MISERICÓRDIAS

Arroz de primavera com filete de Santa Cruz



INGREDIENTES

Arroz

2 cebolas médias;
1 kg de macedónia;
500gr de milho doce;
1 pimento verde médio;
1 pimento vermelho médio;
2 alhos;
azeite q.b.;
sal q. b.;
1 kg de arroz branco.

Filetes

2kg de filete de espada;
500gr de salsa;
4 a 5 alhos;
sal q.b.;
13 ovos;
farinha q.b.

PREÇO:
€€€€€

MODO DE PREPARAÇÃO:

Colocamos a cebola aos quadrados com azeite, sal, alho picado a alourar. Depois colocamos a macedónia, o milho doce, os pimentos a cozer e por fim o arroz. Cortamos a filete de espada e tempera-se com sal. Depois passamos a filete na farinha num prato raso e molhamos no ovo batido com a salsa e o alho picado. Colocamos a fritar em óleo brando. Servir com duas rodela de limão no prato. Receita para 20 pessoas, fácil e prática de fazer.
Bom Apetite.

DIFICULDADE:



Apoio à criação de emprego na Covilhã

Santa Casa da Misericórdia da Covilhã realizou recentemente uma **sessão informativa sobre soluções de autoemprego** e políticas de microcrédito

A Santa Casa da Misericórdia da Covilhã realizou recentemente uma sessão informativa subordinada ao tema “Soluções de autoemprego e políticas de microcrédito”. A iniciativa teve como objetivo dar a conhecer a todos os ativos empregados e desempregados novas soluções de apoio à criação de emprego. Foi no dia 19 de Fevereiro, no auditório da Assembleia Municipal.

A sessão de esclarecimento da Misericórdia da Covilhã contou com a parceria do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e do Banco Espírito Santo (BES). Programas existentes de apoio ao empreendedorismo e criação do próprio emprego, foram as temáticas abordadas pelo IEFP. Já o BES apresentou algumas das soluções de microcrédito, oferecidas pelo banco.

No mesmo dia, a Santa Casa apresentou o projeto “Incubadora Social”, que visa acompanhar todos aqueles que tenham ideias de negócio, esti-



Sessão foi a 19 de fevereiro

mulando o empreendedorismo e o autoemprego.

Quem estiver interessado em criar o seu próprio negócio deverá dirigir-se às instalações da Incubadora Social a funcionar, nesta primeira fase, no edifício sede Santa Casa da Misericórdia da Covilhã.

A Santa Casa da Misericórdia da Covilhã também está a promover o projeto “Santocas”. O objetivo desta iniciativa é angariar fundos para o desenvolvimento de atividades variadas junto de crianças, jovens e suas famílias.

www.indas.com

Material de Incontinência

INDAS

Qualidade e rigor

“Ajudamos a viver melhor”

Visite o nosso site e descubra o melhor para si! - www.indas.com

ARTIFOFO

Equipamentos Hospitalares & Farmacêuticos Lda

Distribuído por:
www.artifofo.pt

Rua Cruz de Melo, Apartado 3032 | Pousos | 2410-903 Leiria
Telefone: 244 801 826 | Fax: 244 801 676 | comercial@artifofo.pt

EM AÇÃO

Funcionários assumem procissão dos Passos

Cerca de 250 colaboradores da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde decidiram, **pela primeira vez**, assumir na totalidade a procissão

Integrada nas Solenidades da Quaresma, no próximo dia 3 de Março, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, em colaboração com a entidade religiosa local, vai levar a efeito a Procissão do Senhor dos Passos, presidida pelo arcebispo primaz, por D. Jorge Ortiga.

Este ano, os colaboradores da Misericórdia de Vila do Conde decidiram, pela primeira vez, assumir na totalidade a procissão. No sentido de enaltecer o nobre momento religioso em causa, foram mobilizados esforços no sentido de que o corpo de figurados, andores e insígnias fossem representados por pessoas ligadas à Instituição.

Tal movimento deu origem a uma adesão de 250 colaboradores, familiares, utentes e irmãos.

As cerimónias dos Passos começam no dia 2 de março, pelas 21h30, com a Procissão do Silêncio, em que o andor do Senhor dos Passos é transportado da Igreja da Misericórdia para a Igreja Matriz.

Três anos depois, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde pretende que a Procissão do Senhor dos Passos fique novamente marcada na história da sua terra, desta vez através da participação em massa dos seus colaboradores.

Por todo o país, muitas são as Misericórdias que promovem as procissões que celebram o tempo pascal.



D. Jorge Ortiga preside procissão



Flocos de neve invadiram as ruas

Carnaval para todas as idades em Murto

Cortejo carnavalesco da Santa Casa da Misericórdia de Murto contou com 144 crianças e 57 utentes das respostas **dedicadas à terceira idade**

Vera Campos

Cozinheiros e índios, gatos e palhaços, mexicanos e flocos de neve. Tantos e tão diferentes foram os disfarces que invadiram mais uma edição do Carnaval Infantil da Murto, uma organização do Agrupamento de Escolas da Murto e da Escola Básica Integrada da Torreira, com o apoio da Câmara Municipal da Murto. A Santa Casa da Misericórdia local não faliu à chamada e apresentou-se com flocos de neve do infantário e uns divertidíssimos mexicanos do lar de terceira idade e das residências autónomas.

São Pedro presenteou os foliões da Murto com uma alegre tarde de sol. Mas, um olhar mais desatento, podia pensar que se aproximava uma vaga de neve. Os responsáveis? Meninos e meninas do infantário da Santa Casa de Murto que, bem juntinhos, pareciam uma grande avalanche. A coordenar esta 'improvável' onda de frio, vemos as Rainhas da Neve, sempre de sorriso rasgado, vestidas de branco cintilante. Dos dois aos seis anos, todos vibraram com a época do Carnaval.

Entre crianças e idosos, o cortejo carnavalesco da Misericórdia de Murto contou com 144 crianças do infantário e 57 utentes das respostas dedicadas à terceira idade.

Durante mais de um mês, a azáfama foi grande. Definir o disfarce e, depois, colocar mãos à obra. Sílvia Almeida, diretora técnica da Misericórdia de Murto, sublinha a vontade com que todos colaboram. "Participamos desde 2005. Na primeira vez eram 15

utentes de lar. Hoje, vão mais de 50. Quando não podem participar, por motivos de doença, é uma tristeza muito grande." No disfarce mexicano tudo é pensado ao pormenor. Por isso, nem as cadeiras de rodas falham o disfarce. "Queremos que tudo integre na perfeição este espírito carnavalesco", reconhece.

Manuel nunca tinha participado num cortejo de carnaval. Aos 76 anos estreia-se nestas lides. "Disse logo

Utentes seniores da Santa Casa da Misericórdia de Murto participaram no curso carnavalesco mascarados de mexicanos

que sim. Muito interessante. Estou a gostar muito. E até aprendi sobre a roupa mexicana que desconhecia". Já Maria Alice, assídua participante, conta com doze anos de edições nas pernas. Esta utente confessa que "dá

trabalho", mas aos 66 anos demonstra que não há idade para a diversão.

Este ano, o curso contou com mais de 1500 figurantes, distribuídos por quatro estabelecimentos de ensino público, quatro de ensino privado e 14 grupos organizados de adultos. Para além do desfile, ponto alto dos festejos de Entrudo, a programação carnavalesca murtoense contemplou ainda as chamadas "Noites de Folia", dinamizadas pelos Grupos de Carnaval com a colaboração da Câmara Municipal da Murto, que decorreram na Praça Jaime Afreixo, em Pardelhas, com tasquinhas de comes-e-bebes e a atuação de bandas convidadas.

O jornal Voz das Misericórdias sabe que, um pouco por todo o país, as Misericórdias promovem iniciativas relacionadas com o Carnaval, mas também integram cortejos promovidos por outras entidades locais. É habitual a participação de utentes de todas as idades, assim como de colaboradores.



→ ENVOLVER E FIDELIZAR DOADORES

A consultora especializada em angariação e fundos, Call to Action, vai promover, no dia 17 de abril, o seu 5.º seminário sob o tema “Envolver e fidelizar doadores: soluções Práticas”.



Igreja da Misericórdia

Braga celebra 500 anos

Programação das festividades do aniversário da Misericórdia de Braga prevê a **realização de concertos, seminários, exposições e outros eventos**

Alexandre Rocha

Foi dada a partida para uma série de eventos que pretendem marcar ao longo de todo este ano o quinto centenário da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Braga. A celebração eucarística inicial, presidida pelo arcebispo D. Jorge Ortiga, decorreu no último dia 22 de Fevereiro, na Igreja da Misericórdia. Na solenidade estiveram presentes diversas personalidades civis, militares e religiosas, entre as quais o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos.

Numa homilia centrada nos conceitos de amor e caridade, D. Jorge Ortiga expressou algumas reflexões acerca de um excessivo isolamento da Igreja no passado, altura em que a instituição centrou-se demasiado no culto, realçando porém um novo “único caminho, no anúncio de uma boa nova”, que é refletido no trabalho das Misericórdias, “um capítulo especial desta itinerância caritativa, presente em tantos lugares e em tantos momentos, estando a de Braga entre as primeiras”. Num elogio particular à trajetória desta Santa Casa, o arcebispo primaz quis sublinhar que “a história escrita reproduz muito pouco daquilo que foi e continua a ser feito”, exortando, porém, a todos os integrados no corpo da Igreja, a serem “mais confiantes” no espírito de entrega inerente na missão das Misericórdias, mesmo diante de novos desafios e de “novas pobreza”.

Em declarações feitas depois do fim da cerimónia, Manuel de Lemos comentou a necessidade de uma intervenção crescente das Misericórdias, que se defrontam diariamente com um cada vez maior estado de carência, “especialmente nos grandes centros urbanos”. Confrontado com a ideia de que se estaria a assistir no país uma mudança de paradigmas na assistência e no socorro social, Manuel de Lemos apontou antes simplesmente para o retorno de uma difícil realidade que se pensava já ter sido ultrapassada em definitivo, aproveitando para destacar



D. Jorge Ortiga presidiu missa

que as Misericórdias estão prontas para prestar, à medida da demanda, um contributo mais amplo e relevante à sociedade. Uma participação que quis exemplificar, citando uma rede de quase 600 cantinas sociais espalhadas pelo país, trabalho que tem sido geralmente desenvolvido em parceria com o Ministério da Solidariedade e da Segurança Social.

Celebração dos 500 anos incluí o lançamento de um livro sobre a instituição, de autoria dos professores Viriato Capela e Marta Lobo

A atuação do grupo coral da Misericórdia de Vila Verde tornou o momento ainda mais especial, ficando também a data marcada através da obra do escultor Hélder Carvalho, numa medalha comemorativa dos 500 anos, que foi oferecida pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Braga, Bernardo Reis, a D. Jorge Ortiga.

O trabalho será posteriormente reproduzido numa escala maior e instalado como monumento no Largo D. João Peculiar. A programação das festividades do aniversário da Misericórdia de Braga prevê a realização de uma atividade de carácter cultural por mês, e incluí o lançamento de um livro sobre os 500 anos da instituição, de autoria dos professores Viriato Capela e Marta Lobo, além de concertos, seminários, exposições e outros eventos que serão oportunamente divulgados.

Ainda não se conhece a data exata da fundação da Confraria da Misericórdia da cidade de Braga, mas estão a decorrer investigações no sentido de apurar a data exata. Embora haja documentos, com data de 1504 e 1509, com referência à Santa Casa bracarense, a instituição considera como data de fundação, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, o ano de 1513. Espera-se, mediante as investigações em curso, encontrar uma data mais aproximada da sua fundação.

Fundão tem 50 novos irmãos

Cerca de 50 novos irmãos prestaram juramento, contribuindo para a **renovação** da Misericórdia do Fundão. Foi a 23 de fevereiro

Cerca de 50 novos irmãos prestaram juramento, contribuindo para a renovação da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. Para o provedor, Jorge Gaspar, “o peso da sociedade fundanense na sua Misericórdia foi reforçado com a entrada de irmãos provenientes de diversos sectores profissionais”. Foi a 23 de fevereiro.

Ainda segundo aquele responsável, “o compromisso dos novos irmãos foi precedido de uma troca de experiências e saberes de forma a fornecer informação e conteúdos sobre as Misericórdias em geral e a Misericórdia do Fundão em particular aos cidadãos que agora abraçaram este desafio de ajudarem a cumprir as 14 obras de misericórdia, sete corporais e sete espirituais na mais antiga instituição da cidade”.

Para o provedor, a entrada de novos irmãos é um sinal de renovação e de esperança, mas também uma responsabilidade

Para Jorge Gaspar, “a entrada de novos irmãos é um sinal de renovação e de esperança”, mas também uma responsabilidade. “A renovação significa que a Santa Casa da Misericórdia do Fundão tem capacidade para atrair e para se fortalecer, continuando o seu caminho seguro e sustentado em bases sólidas. Nos tempos que correm é com grande orgulho que participo nesta celebração coletiva, deste renovar do compromisso e desta comunhão de um sentimento partilhado de darmos mais a quem necessita”, rematou aquele responsável.

Recorde-se que muitas são as Santas Casas onde, nos últimos meses, novos dirigentes assumiram as Mesas Administrativas. Ao que a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) conseguiu apurar, entre os anos de 2012 e 2013, foram 31 as Santas Casas onde novos provedores e provedoras assumiram funções (ver texto sobre eleições e novos provedores na página 24).

Chamar a comunidade através da música

Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Esposende foi pequena para as mais de **150 pessoas que aderiram ao evento MusiCórdia**. Ciclo terá nove concertos

A igreja da Santa Casa da Misericórdia de Esposende foi pequena para as mais de 150 pessoas que aderiram ao evento MusiCórdia. Um dos objetivos da iniciativa é mostrar a realidade da Misericórdia à comunidade. O concerto de lançamento da temporada de música foi um sucesso, na opinião das entidades organizadoras. Foi a 27 de janeiro.

O ciclo terá nove concertos ecléticos. A temporada culmina em Julho com o 434.º aniversário da Misericórdia de Esposende, entidade organizadora, em parceria com a Escola de Música de Esposende. A entrada é gratuita. Um dos grandes objetivos da temporada é contribuir para a democratização do acesso à cultura.

A temporada de música ambiciosa impulsionar o desenvolvimento cultural de Esposende e da região envolvente. Para tal conta com colaboração de um leque variado de músicos e formações, a maior parte de reconhecido valor artístico no panorama nacional.

Outro grande objetivo do evento é aproximar a comunidade das atividades da Santa Casa. Através de uma maior interação com o público, a instituição visa uma maior visibilidade aos diversos projetos da instituição, de âmbito social, educativo e de saúde.

O segundo concerto da MusiCórdia teve lugar a 24 de fevereiro

EM FOCO



Orfeão já fez cerca de 30 atuações

Quem canta por gosto não cansa

Em Abril, o orfeão de Ílhavo completa cinco anos. Um dia de festa em que o provedor ambiciona concretizar um desejo: **realizar um encontro de coros das Misericórdias**

Paúlo Sérgio Gonçalves

“Se for um projeto para levar a sério, aceito”. Foi esta a premissa deixada por Manuel Teles, um dos elementos mais velhos do orfeão da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, para aceitar o repto, lançado em 2008, pelo provedor da instituição, Fernando Paz Duarte. Já lá vão quase cinco anos. Os cerca de 40 elementos que compõem o orfeão aguardam ansiosamente que chegue a sexta-feira, não pelo facto de se aproximar o fim de semana, mas porque é dia de ensaio. À noite, depois de aconchegar o estômago, é hora de sair de casa de cara alegre para reunir com os amigos e afinar a voz.

Manuel Teles recorda com entusiasmo, e uma lágrima no canto do olho pela emoção que lhe vai na alma, o primeiro concerto em público. “Foi um espetáculo de Natal da Câmara

Municipal com casa cheia, estavam cerca de 500 pessoas. Foi um grande desafio e um momento muito intenso e marcante”.

Desde aí, já lá vão mais de 30 atuações realizadas em território nacional e na vizinha Espanha.

O provedor da Misericórdia de Ílhavo foi o impulsionador deste sonho de menino, vindo dos tempos de liceu, onde chegou a fazer parte de um coro. “Era importante desenvolver a vertente cultural da instituição, porque também é social”, explica Fernando Paz Duarte ao VM.

“Aqui não há solidão nem tristeza e são muitos os casais que se associaram ao orfeão mantendo vivo o espírito da família e dos seus valores”, revela o provedor.

No próximo mês de Abril, o orfeão completa cinco anos de vida. Um dia de festa em que o provedor

Números

5 anos O orfeão da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo está prestes a completar cinco anos de existência, aos longos dos quais realizou cerca de 30 apresentações públicas.

79 anos O elemento mais idoso do grupo coral da Misericórdia é João da Silva Pires, de 79 anos de idade. A mais jovem é Ana Rita Fonseca, de apenas 24 anos.

40 elementos Desde a sua criação até aos dias de hoje, o orfeão da Misericórdia de Ílhavo conta com a participação de 40 elementos.

ambiciona concretizar um desejo: realizar um encontro de coros das Misericórdias. “Estamos a trabalhar para isso”, garantiu.

Quem canta por gosto não cansa. Por esta razão, o maestro Jorge Ferreira aceitou o desafio lançado pelo provedor para dirigir o orfeão, mesmo que, por vezes, por motivos profissionais, tenha que efetuar o trajeto Lisboa-Ílhavo e Ílhavo-Lisboa no mesmo dia do ensaio.

“Quando o provedor me endereçou o convite fiz uma exigência. Tinha que ter pelo menos 30 elementos. Passado pouco tempo, para meu espanto, recebo um telefonema do provedor a dizer-me que podíamos arrancar, pois já tínhamos mais de 40 elementos. Se soubesse tinha elevado a fasquia”, frisa ao VM com um sorriso nos lábios.

O maestro reconhece que o início não foi fácil. Teve que se começar do

zero. “Não conhecia ninguém e, no grupo, ninguém sabia uma nota de música, mas, logo no primeiro ensaio, tive a perceção que havia gente com talento. O importante é trabalhar muito, ter gosto e ter ouvido. Não é preciso criar elites, nem saber música”, assegura Jorge Ferreira. O segredo para o sucesso e para a aceitação que têm tido deve-se ao empenho das pessoas e à sua persistência nos ensaios. “Repetimos as peças as vezes que forem necessárias até sair bem, nem que estejamos toda a noite a bater no mesmo”.

Jorge Ferreira, que dirige o orfeão desde a sua fundação, prefere um repertório profano porque é mais alegre e permite uma maior interação com o público que se “entusiasma e torna os espetáculos mais estimulantes”. Por favor, caso a sua Misericórdia tenha um coro, contacte o nosso jornal.

APOIO AO DOMICÍLIO: FIAT DOBLÒ FP CARE



A Fiat Professional, marca de veículos comerciais do construtor italiano, assume-se como uma referência incontornável no nosso mercado em soluções de mobilidade e suporte para as actividades de apoio social e humanitário.

O novo Doblò FP Care é uma viatura de apoio domiciliário que permite a entrega de refeições, mudas de roupa e limpeza de pessoas e habitações por forma a que todo o apoio possa ser prestado pelos técnicos de uma forma eficiente.

Projectado e construído para suportar a realização das principais valências ao nível do apoio aos mais idosos e necessitados, esta viatura apresenta-se como uma referência nesta muito solicitada área de trabalho das misericórdias.



O interior do Doblò FP Care é composto por 3 compartimentos estanques.

O primeiro compartimento, na traseira do veículo, está destinado ao transporte de refeições em recipientes térmicos, incluindo ainda uma unidade frigorífica. O segundo compartimento, ventilado, é composto por um armário para o transporte de roupa limpa, e o terceiro possui uma área para armazenamento de roupa suja e outra para o transporte de materiais diversos para a limpeza e arrumação das habitações.

A qualidade de montagem e dos materiais utilizados é evidente ao olhar menos atento e permitem a fácil limpeza de todos os recantos.

O Fiat Doblò FP Care utiliza o motor 1.3 multijet de noventa cavalos de potência, propulsor que possui baixos consumos, especialmente em utilizações porta a porta, bem como reduzidos custos de manutenção, com intervalos de assistência de trinta mil quilómetros

Saiba mais no seu concessionário Fiat Professional



Mercedes-Benz

Protocolo da Carclasse, S.A. com a União das Misericórdias Portuguesas

A Carclasse, S.A. e a União das Misericórdias Portuguesas celebraram recentemente um protocolo para a comercialização, em regime de exclusividade, de viaturas novas da gama de comerciais ligeiros Mercedes-Benz, Smart e Suzuki. Tendo em conta as necessidades específicas que as Misericórdias têm, a par do sentido de Responsabilidade Social da Carclasse, S.A. foram definidas um conjunto de condições especiais agora ao alcance de todas as Misericórdias de Portugal. Fruto de uma experiência de anos, a Carclasse, S.A. é hoje capaz de oferecer um conjunto de soluções ao nível de viaturas de transporte para idosos, crianças e pessoas com mobilidade reduzida, que permitem responder de forma eficiente aos pedidos destas instituições.

Para mais informações, consulte a Carclasse S.A.

Carclasse, S.A.

Braga: 253 240 010 - Famalicão: 252 330 550 - Guimarães: 253 539 220 - Barcelos: 253 809 900 - Viana do Castelo: 258 840 450
www.carclasse.pt • info@carclasse.pt

NOVO!



MoliCare® Soft Air Active

Uma suave revolução nos cuidados de Incontinência



NOVO Máxima suavidade

Capa em tecido não tecido para maior suavidade e conforto

NOVO Aplicação mais fácil

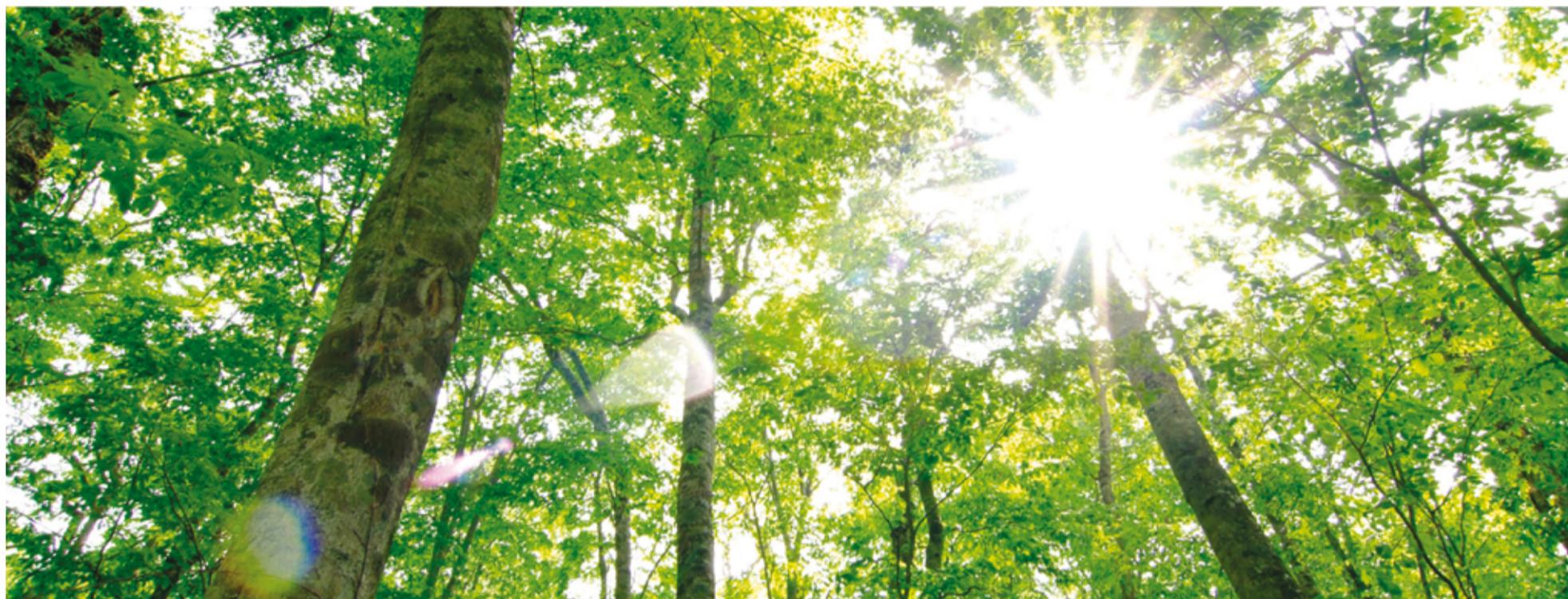
Novo fecho em velcro que assegura uma aplicação mais simples



A nova MoliCare Soft Air Active é uma verdadeira suave revolução. Ela mantém o alto nível de segurança que já conhece e, além disso, é mais confortável. Agora disponível em 4 níveis de absorção.



ajuda a curar.



SCA nomeada uma das empresas mais éticas do mundo

Somos uma empresa global, presente em mais de 90 países e dedicada a produtos de higiene pessoal, papel, cartão, papel para publicações e produtos de madeira sólida. Somos líderes em muitas destas áreas com marcas como TENA ou Libero.

Fomos recentemente nomeados como uma das empresas mais éticas do mundo pelo Ethisphere® Institute, pelo quinto ano consecutivo.

Este instituto americano, que tem como missão a promoção, desenvolvimento e partilha das melhores práticas de ética empresarial, responsabilidade social corporativa, anticorrupção e sustentabilidade, avaliou milhares de empresas de mais de 40 setores de atividade, reconhecendo a SCA como exemplo que vai além do que é exigido eticamente e que inclui princípios éticos como fatores fundamentais para o desenvolvimento das suas atividades, marcas e para a sua rentabilidade.

De acordo com Jan Johansson, Presidente e CEO da SCA, “Estamos honrados pelo reconhecimento do Ethisphere® Institute. A ética e a sustentabilidade são fatores que consideramos essenciais para o diferencial de negócio. Os nossos esforços nesta área são reconhecidos pelos clientes, consumidores e investidores, o que fortalece a nossa vantagem competitiva”.

Recorde-se que a ética e a sustentabilidade são parte integrante das operações da SCA e estratégicas para o crescimento e criação de valor. A empresa estabeleceu um plano de metas a alcançar no âmbito da responsabilidade ambiental, social e códigos de conduta e é a maior proprietária privada de floresta da Europa, com 2,6 milhões de hectares.

Saiba mais em <http://ethisphere.com/worlds-most-ethical-companies-rankings/> e conheça as atividades de sustentabilidade da SCA em www.sca.com/sustainability



Libero



clo Life Porque os nossos produtos tornam a vida mais fácil para Si e para milhões de pessoas em todo o mundo. Porque os nossos recursos e a forma como trabalhamos são partes naturais do ciclo de vida global. E porque nos preocupamos.



EDUCAÇÃO

Merceana inaugura creche para 66 crianças

Cerimónia contou com o ministro da Solidariedade e da Segurança Social, que defendeu a “refundação” do **Estado Social com reforço do papel das Misericórdias**



Filipe Mendes

O ministro da Solidariedade e da Segurança Social, Pedro Mota Soares, inaugurou, no passado dia 1 de Fevereiro, a Creche Rainha Dona Leonor, uma obra da Santa Casa da Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana.

Está assim concluído o projeto da Misericórdia para o campus de Charnais, que dispõe ainda de lar, centro de dia, clínica de medicina geral e especialidades e unidade de cuidados continuados.

Após uma visita às instalações, o ministro não poupou elogios ao trabalho da provedora, a arquiteta Carla Pereira, destacando a sua dedicação e entrega e o seu espírito empreendedor que “levou a bom porto” a realização desta obra.

Destacando o papel que as instituições do setor social desempenham

no atual contexto de crise económica e financeira, o governante lembrou que “muito antes do Estado Social existir” essas funções eram assumidas pela Misericórdias.

“Em Portugal, em 1498, e pela mão da Rainha D. Leonor, foram criadas no país instituições que asseguravam a proteção dos mais desfavorecidos”, disse Pedro Mota Soares, considerando ser necessário “repensar as funções sociais do Estado”.

“Temos de olhar para os exemplos de excelência que hoje já existem no País, como é o caso das Misericórdias, e reforçar o papel que já é desempenhado por estas instituições há mais de 500 anos”, afirmou.

“Faz mais sentido que o Estado contratualize estes serviços a quem os faz bem e tem relações de proximidade com as populações ao invés de assu-

mir, por si próprio, essas funções”, defendeu o ministro.

“Temos agora em Portugal um sistema de Estado Social que funciona com uma enorme qualidade de serviço e garante uma enorme eficácia de gestão”, disse Pedro Mota Soares, garantindo que é intenção do seu ministério aprofundar este modelo, reforçando as parcerias com o setor social.

“Sempre que ajudamos estas instituições, estamos a ajudar as pessoas”, afirmou o governante, acrescentando ter sido “gratificante” inaugurar a nova creche da Santa Casa da Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana.

“O governo acredita nestas instituições e está empenhado na sua sustentabilidade”, concluiu.

Segundo a provedora Carla Pereira, esta creche vem dar resposta a

uma “necessidade” que era há muito sentida no concelho.

Com um investimento global de 600 mil euros, o novo equipamento social tem a capacidade para acolher 66 crianças.

Nesta altura de crise, a Misericórdia assume-se também como um dos grandes catalisadores da economia local e é também a instituição que mais postos de trabalho cria no Alto Concelho de Alenquer, contando com 65 funcionários nos seus quadros.

“O que nos move é também fixar estas pessoas às suas raízes, tentar que eles fiquem cá e para isso é necessário que haja emprego”, conclui a provedora.

A instituição gere quatro respostas sociais na terceira idade: lar, centro de dia, apoio domiciliário para um total de 133 utentes, uma creche, com ca-

pacidade para 66 crianças, pré-escolar para um grupo de 21 e um ATL.

O dia 1 de Fevereiro foi também marcado pela tomada de posse dos corpos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana, sendo que Carla Pereira foi reconduzida na provedoria.

“Para este triénio, o desafio maior será o da inovação”, declarou a responsável ao Voz das Misericórdias, acrescentando que também a “área económica” merecerá uma maior atenção.

Como projetos de charneira para o futuro, Carla Pereira elege ainda a recuperação do património e a criação de emprego, para além do aprofundar de parcerias com empresas locais.

Carla Pereira é provedora há 13 anos e é a mais jovem de todas as provedoras em Portugal.

PATRIMÓNIO

Guimarães promove curso de iluminuras



Próximo curso já está marcado

Assumir e dar a conhecer o seu património artístico e cultural é uma das prioridades da atual Mesa Administrativa da Santa Casa de Guimarães

Alexandre Rocha

Haverá poucos elementos que simbolizem em si tanto de uma época como as iluminuras, representantes da arte plástica medieval, produzida especialmente nos conventos e abadias por toda a Europa. E o ambiente vimaranense, rico em elementos arquitetónicos como o seu bem conservado castelo e um considerável núcleo de imóveis e espólio religiosos, é um

terreno propício para a disseminação deste tipo de manifestação cultural.

É com este mote que Maria Rui Sampaio, coordenadora do Núcleo do Percorso Museológico do Convento de Santo António dos Capuchos, conhecido por ser o Antigo Hospital de Guimarães, explica uma das linhas de ação da provedora da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, Noémia

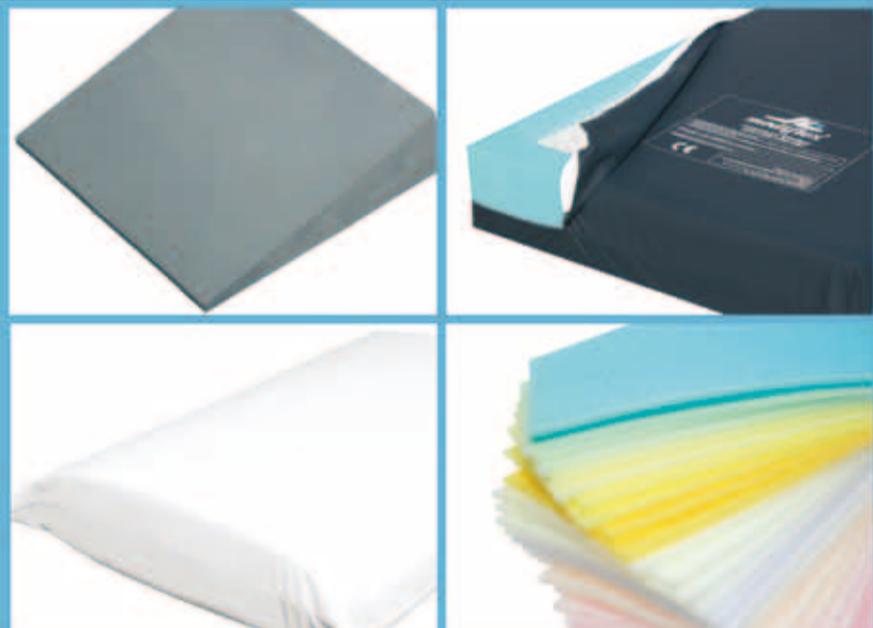
Carneiro: “Assumir e dar a conhecer o património artístico e cultural administrado pela Misericórdia foi uma das prioridades da provedora desde que iniciou funções”. Só o núcleo museológico dispõe de mais de 700 peças inventariadas. Embora a maior parte deste espólio seja constituído por artefactos religiosos, este inclui também retratos, pinturas e alfaias.

Foi por conta do delicado trabalho de restauração de uma das mais belas salas do edifício no antigo convento, uma sacristia ricamente adornada com mobiliários e pinturas de diferentes estilos, com uma datação de 1758, que o Centro Luso-Italiano de Conservação e Restauro travou pela primeira vez contacto com a Misericórdia de Guimarães. A especialização exigida por empreitadas deste género e uma afinidade de objetivos fez com que a parceria perdurasse em iniciativas como a atividade de turismo criativo realizada no último dia 9 de Fevereiro, todo ele dedicado à experiência de criação de iluminuras.

A formação atraiu um público que ultrapassa o nível regional: Maria de Fátima Ribeiro, voluntária na Santa Casa da Misericórdia de Braga é uma das participantes, assim como Estrela Garcia, de Vigo, que explica que soube dos cursos promovidos pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães num congresso da Universidade Católica do Porto.

Fátima Muralha, em representação do Centro Luso-Italiano de Conservação e Restauro, refere “o desenvolvimento de forma sistémica e a promoção de atividades experimentais deste género” como algumas das principais metas da associação. Além da sessão de iluminuras, realizou-se em Janeiro uma outra de experiência de douramentos. Para futuro, estão já programadas outras iniciativas, como o workshop de caligrafia medieval, para o mês de Março e de técnica de pintura de marmoreado, em Abril. Maria Rui Sampaio sublinha que as técnicas desenvolvidas durante estas sessões se harmonizam com o próprio trabalho desenvolvido na conservação do património da Misericórdia.

O programa cultural da Misericórdia conta ainda com o Festival de Órgão Ibérico.



www.mediflex.pt



BOAS IDEIAS PARA A SAÚDE

FABRICAMOS:

Colchões hospitalares • Posicionadores hospitalares • Almofadas
Toalhetes de espuma

flex2000
 Flex 2000 - Produtos Flexíveis, S.A.
 Rua Eng. Ferrelira Dias, S/N - Zona Ind. de Ovar - 3880 Ovar - Tel. : 256 581 940
 Fax: 256 581 947 • Fax Linha Verde: 800 200 456 • Email Geral: flex2000@mail.telepac.pt



ESTANTE

Mistério e intriga na corte de D. João VI

“A conspiração dos fidalgos”, de Alexandre Rocha, é um romance histórico que viaja dos **confins do Brasil à corte portuguesa em Lisboa**. Uma edição Ésquilo

Magia, mistério, espionagem e intriga na corte de D. João VI. “A conspiração dos fidalgos”, de Alexandre Rocha, é um romance histórico que viaja dos confins do Brasil à corte portuguesa em Lisboa.

O autor, que também é jornalista e colaborador do Voz das Misericórdias, reuniu documentação sobre um período dado das histórias de Portugal e do Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, compôs personagens, reconstituiu cenários e atmosferas segundo requisitos do género, pôs

factos e fantasia no vasto percurso da narrativa.

Conforme escreve o presidente da Associação Portuguesa de Autores, José Manuel Mendes, no prefácio, “com desenvoltura, atenção aos panoramas de enquadramento e a toda a casta dos pormenores que entendeu pertinentes, sentido dos ritmos, revelando zonas obscuras e mais conhecidas de uma era em que Bocage surge no tumulto. E confere a Miguel Herculano, o seu herói num sobressalto afetivo e ontológico, a expressão policroma de quem enfrenta interregnos e mudanças, indecisões, fugas, lances sucedidos e falhados. De certa feição, o autor reencontra a Conspiração dos Fidalgos, a corte de João VI e temas que recolhe na época para projetar interrogações que são também as dos dias que passam”.

Uma edição da Ésquilo.

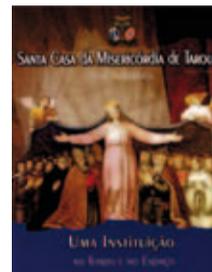


A CONSPIRAÇÃO DOS FIDALGOS

Alexandre Rocha

Ésquilo, novembro 2012

LISTA DE LIVROS



VOZ SOLIDÁRIA

Vários

Misericórdia de Tarouca, Dez. 2012

“Voz solidária” é o nome do novo boletim da Santa Casa da Misericórdia de Tarouca. O número 1 foi lançado em dezembro de 2012 e era uma ambição antiga do provedor. Segundo Lucílio Teixeira, que assina o prefácio, o objetivo é “criar conceitos de conhecimentos mútuos que privilegiem a postura solidária de uma instituição que, em silêncio, tem dado o melhor de si em prol de tantos que ainda não perderam a esperança de um amanhecer diferente”. A periodicidade deste novo boletim da Misericórdia de Tarouca com tiragem de 1 000 exemplares é semestral.



AS MISERICÓRDIAS E A SAÚDE

Vários

UMP/GMS, Nov. 2012

Já estão publicadas em livro as atas do primeiro congresso do Grupo Misericórdias Saúde. O livro, segundo a comissão organizadora, é dedicado a todos quantos acreditam na competência e capacidade secular das Misericórdias na prestação de cuidados de saúde. O prefácio é assinado pelo presidente do Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos. O primeiro congresso do Grupo Misericórdias Saúde decorreu nos dias 28 e 29 de maio de 2010, em Vila do Conde, e reuniu mais de 400 pessoas ligadas à área da saúde.



A IBERMÓDULO é sinónimo de qualidade e rigor. A determinação, a experiência e a motivação profissional da sua equipa reflectem-se na originalidade e qualidade das soluções e dos produtos que apresenta. O seu compromisso é prestar um serviço de excelência no fornecimento de soluções modulares pré-fabricadas, cujos resultados correspondem à expectativa e satisfação do cliente.

instalações apoio social
instalações apoio escolar
refeitórios
escritórios



sede
Zona Industrial da Murteira
Apartado 194
2135-311 Samora Correia
tel. 283 852 220 / 1
email: geral@ibermodulo.pt

delegação sul
Estrada Nacional 125
Sítio Baceladas - 4 estradas
8100-321 Loulé
tél. 912 440 748
email: sul@ibermodulo.pt

www.ibermodulo.pt

VOZ ATIVA

EDITORIAL



Paulo Moreira
paulo.moreira@ump.pt

OS EXCESSOS DE TEORIZAÇÃO

Num debate na Misericórdia do Vimieiro, fiquei a saber, pelo presidente da Federação Portuguesa de Suinicultura, que em Bruxelas se continua a desenvolver um trabalho para definir os brinquedos mais adequados ao bem-estar dos leitões

Numa rápida consulta, li a diretiva de bem-estar animal, vi os prospetos da Direção Geral de Alimentação e Veterinária, com o tipo de brinquedos autorizados e aconselhados para os leitões e, estou certo, que a curto prazo será produzida exigente e exaustiva legislação sobre esta matéria, para felicidade dos bácaros e desespero dos criadores europeus que concorrem com produtores asiáticos e sul-americanos que não têm este tipo de pias preocupações.

Não sou, a nenhum título defensor da violência e crueldade sobre os animais domésticos ou não. Contudo, quando vejo este frenesi normativo, que seguramente implica o esforço de muitos peritos e funcionários da Comissão e obriga a constantes deslocações dos representantes dos produtores dos 27 países membros, vêm-me de imediato à lembrança os dados recentemente publicados pelo Eurostat que indicam que 28,6% das crianças portuguesas e 24,5% dos idosos estão em risco de pobreza e exclusão social.

Seguramente, estas crianças não têm brinquedos e muito menos homologados, visando o seu bem-estar e o desenvolvimento psicossocial equilibrado e não têm acesso a alimentação adequada e suficiente. O mesmo se passa, por certo, com os idosos cercados por um mar de carências e dificuldades.

Ao refletir sobre estas várias faces da realidade europeia, lembro-me cada vez mais do fim do Império Romano que, como a Europa, se inebriu com a abundância e os excessos de teorização, mas onde escasseava, como escasseia hoje em dia, a sedimentação dos saberes, das culturas e das crenças, a que Roland Barthes chamava “Sapiência: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível”.

VM

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

Propriedade:
União das Misericórdias Portuguesas

Contribuinte:
501 295 097

Redação e Administração:
Rua de Entrecampos, 9,
1000-151 Lisboa

Tels:
218 110 540
218 103 016

Fax:
218 110 545

e-mail:
jornal@ump.pt

Tiragem do n.º anterior:
13.550 ex.

Registo:
110636

Depósito legal n.º:
55200/92

Assinatura Anual:
Misericórdias
Normal - €20
Benemérita - €30

Outros:
Normal - €10
Benemérita - €20

Fundador:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

Diretor:
Paulo Moreira

Editor:
Bethania Pagin

Design e Composição:
Mário Henriques

Publicidade:
Paulo Lemos

Colaboradores:
Adriana Melo
Alexandre Rocha
Filipe Mendes

Paulo Sérgio Gonçalves
Susana Ramos Martins
Vera Campos

Assinantes:
Sofia Oliveira

Impressão:
Diário do Minho
- Rua de Santa
Margarida, 4 A
4710-306 Braga

Tel.: 253 609 460



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS
PORTUGUESAS

OPINIÃO



Pedro Marques
deputado do PS

ESTADO DE MÍNIMOS OU ESTADO DE DIREITOS?

É agora que a desesperança é maior, que o Estado social deve ser valorizado, para dar alguma segurança, mas também para dar mais futuro aos portugueses. A escolha certa é reformar, mas reformar para dar mais força ao Estado Social

A sociedade portuguesa está hoje colocada perante uma escolha importante. A escolha do Estado social que queremos ter. Um Estado de mínimos sociais ou um Estado de direitos sociais?

O Estado que temos hoje é um Estado de direitos sociais. Alguns dizem-nos que não pode mais ser assim, que temos que decidir que Estado estamos dispostos a pagar... Desde logo, para fazer uma escolha informada, é preciso combater algumas ideias feitas. Para isso a sociedade portuguesa deve conhecer bem os recursos que entrega ao Estado e o que recebe de volta do Estado social.

O nosso Estado social (Educação, Saúde e Segurança Social) absorve uma percentagem da riqueza do país inferior à média europeia - 32,8% do PIB em 2009, contra 35,2% na União Europeia). E foi este Estado social do Portugal democrático que nos permitiu reduzir o analfabetismo de 33% da população para cerca de

7% (é preciso fazer mais, diria!), a mortalidade infantil de 37,9 para 2,5, muito abaixo da média europeia, ou que nos permitiu reduzir em 15 anos a pobreza dos idosos de 38% para 20%, de longe a maior redução da Europa!

É, portanto, meu argumento, que não temos um Estado social gordo, ou insustentável, e que estas políticas apresentam resultados assinaláveis. Para isso muito contribuiu também muito a parceira público-social que se desenvolveu nas últimas décadas.

Trata-se, portanto, mais do que tudo, de uma escolha política na abordagem à reforma do Estado, como de uma escolha política se tratou o caminho de austeridade em toda a Europa que conduziu Portugal à presente situação, e que o governo e a troika têm insistido em reforçar e prolongar.

Queremos manter e melhorar, com uma atitude reformista, o Estado de direitos sociais que temos, que todos financiam através de impostos e contribuições, e do qual todos podem beneficiar, ou queremos um Estado de mínimos sociais, um Estado social para pobres, que redundará num pobre Estado social?

O desafio foi colocado à sociedade portuguesa de modo inquinado, pois a reforma do Estado apareceu como um pretexto para um corte pré-anunciado (e decidido entre o governo e a troika, no prolongamento da austeridade) de 4000 milhões nas despesas sociais. Uma “reforma” que já teria um resultado pré-definido.

Esta não é a atitude certa! Precisamos de um debate global e aberto, não inquinado, sobre a reforma do Estado.

Por mim, deixo um modesto contributo para esse debate. Defendo que se caminhe para um Estado de investimento social. O Estado deve assim nos tempos mais próximos ser orientado em ordem a três preocupações fundamentais, e a uma emergência maior.

1 - Um Estado social amigo do crescimento económico, pois sem um regresso rápido ao crescimento económico é a globalidade das políticas públicas e a coesão social que ficam em crise. Um Estado que qualifique os recursos humanos para a economia dinâmica do futuro, para a economia da informação. Que qualifique todos, e não deixe ninguém para trás, desde logo os adultos que, estando na vida ativa, não atingiram os necessários níveis de qualificações escolares e profissionais. Que apoie

e prepare mais os cidadãos para o novo paradigma de flexibilidade na vida ativa.

2 - Um Estado social promotor da redução das desigualdades. Que combata a pobreza mais eficazmente, desde logo a pobreza infantil. Que não se satisfaça com os resultados alcançados relativamente aos idosos. Que atente na pobreza e exclusão crescente entre os desempregados. Que promova a diminuição global das desigualdades de rendimentos, também devidas ao sistema fiscal diferente para trabalho e capital. Que reforce a convergência entre regimes de proteção. Que combata a dualização do mercado de trabalho. Que não descanse no combate à desigualdade de género.

3 - Um Estado social que enfrente a mudança demográfica. Que seja promotor da recuperação da natalidade, reduzindo a insegurança na vida ativa dos jovens, e promovendo a conciliação da vida profissional com a vida familiar, através da promoção de uma parentalidade mais partilhada e uma melhor rede de políticas públicas de apoio às famílias. Um Estado que promova o envelhecimento ativo, apostando assim na prevenção do envelhecimento precoce, mas que promova políticas de conforto e cuidado para o cada vez maior número de idosos, que vivem mais e têm que viver melhor, com cuidados adequados para a sua dependência crescente.

Finalmente, um Estado social que enfrente a maior de todas as emergências sociais, o desemprego. Que não corte os subsídios de desemprego quando eles mais são necessários. Que promova uma política massiva de estabilização social, apoiando no regresso às qualificações e na manutenção de proximidade ao mercado de trabalho, mas também nos rendimentos, o número crescente de desempregados sem apoios sociais (que já ronda o meio milhão).

É agora que a desesperança é maior, que o Estado social deve ser valorizado, para dar alguma segurança, mas também para dar mais futuro aos portugueses. Mas para isso é necessária uma atitude reformista, porque se a sociedade muda, as políticas públicas também devem saber ajustar-se. Nem o conservadorismo político ou corporativo, nem a fúria desmanteladora! A escolha certa é reformar, mas reformar para dar mais força ao Estado social. Hoje, como no passado, para um verdadeiro Estado de direitos sociais.

REFLEXÃO



Manuel de Lemos
Presidente da UMP

PEREGRINO EM JERUSALÉM

Católico, com veleidades de intelectual, curioso da História e interessado em tudo o que é humano à moda renascentista, nutri sempre por Jerusalém, por aquele espaço e pelas muitas e desvairadas gentes que ali se cruzam, uma atração especial.

Foi por isso com natural expectativa que, com o super apoio da Professional Team e a companhia de mais de uma dezena de sacerdotes, assumi o meu papel de peregrino e parti para a Terra Santa.

Desse percurso que fiz e da experiência que recolhi, entendi que valia a pena partilhá-lo com os leitores, com a consciência que muitos, antes de mim, o já fizeram e viveram; seguramente, cada um à sua maneira, mas acredito que, num momento ou noutro, se revirão nas palavras despreziosas que aqui alinhio.

Assim, como católico, não pude deixar de perceber melhor a aquela região e a identificação dos valores da pobreza com a fé. E, até, ser para mim definitivo, que sejam os franciscanos os nossos representantes de eleição naquelas partes do mundo. De facto, ali não há lugar para grandezas, para luxos ou para vaidades marginais. Todos são pobres: os católicos, os ortodoxos (russos, arménios ou gregos), os judeus e os muçulmanos.

Em contrapartida, os lugares são esplendorosos, sejam os que são motivo da especial reverência dos cristãos, sejam os dos judeus, sejam os dos muçulmanos. No meu caso particular, apreciei, sobretudo, a paz que encontrei na Basílica do Sermão da Montanha e na pequena Ermida, junto ao Mar da Galileia, onde Jesus Cristo ofereceu o peixe aos seus discípulos pescadores.

Mas é em Jerusalém que, de repente, tudo se torna mais evidente. A austeridade dos judeus ortodoxos

junto ao Muro da Lamentações, a inevitável presença dos palestinianos, a parede de betão de cerca de 600 quilómetros que separa a Palestina de Israel (bem visível de vários pontos da cidade), a indiscreta confusão dentro do Santo Sepulcro, com as suas variadas organizações cristãs ali instaladas, o dedalo das ruas de uma qualquer cidade árabe (porque Jerusalém não deixou de ser uma enorme cidade árabe embora gerida pelos judeus), com o seu bazar permanente em cada porta, as suas cores, os seus aromas e pregões.

De facto, percebe-se bem o cadinho de culturas e de religiões que ali nasceram e ali coabitam, bem como todo o intrincado tecido político que agita quotidianamente as páginas dos “media” de todo o mundo. E inevitavelmente surgiu-me evidente o axioma de George Steiner a propósito dos europeus: “É entre os filhos frequentemente cansados, divididos e confundidos de Atenas e de Jerusalém

que poderíamos regressar à convicção de que a “vida não refletida” não é efetivamente digna de ser vivida”

Claro que, a circunstância de ter sido acompanhado por sacerdotes e por um guia sacerdote, acentuou o carácter profundamente simbólico da visita; foi de, facto, uma visita especial e que torna evidente que será necessariamente diferente de uma visita mais profana e turística no sentido mais vulgar do termo. A missa diária, os cânticos que tão bem sabiam entoar, a explicação mais profunda dos momentos e dos acontecimentos que são, muitas vezes, a razão de ser da nossa fé, decorreram de forma natural na visita e possibilitaram uma reflexão aprofundada sobre os acontecimentos mais importantes da vida de Jesus e da própria História de Jerusalém. Não posso nesta matéria deixar de manifestar a proibidade do guia que, muitas vezes, deixou transparecer as suas próprias dúvidas sobre as pessoas e as coisas.

É claro que, a realidade, a guerra,

está sempre presente. Os checkpoints, o controle apertado dos lugares públicos, os soldados armados até aos dentes, a proximidade do inimigo (seja ele qual for), são permanentes. Mas, mesmo esse ambiente, rapidamente se torna familiar e, de alguma maneira, até confortável porque, todo aquele aparato, nos faz sentir em segurança; tudo bem expresso, aliás, nos dizeres de uma t-shirt israelita “A minha missão é tão secreta, tão secreta, que nem sei o que faço...”

A verdade é que, me senti, muitas vezes, como um peregrino! Alguém que correu os lugares santos com a disponibilidade de se encontrar, encontrando os outros e as raízes profundas da sua fé. Ver os lugares que Cristo calcorreou, imaginar os seus sermões, os seus milagres, imaginar o seu sofrimento e a sua dor, faz-nos crescer como homens e como crentes. De resto, e voltando ao tema da pobreza, percebi bem quanto os católicos são, apesar de tudo marginais, mesmo nos espaços de cristãos, embora a simplicidade das construções e dos nossos irmãos franciscanos nos cale muito fundo.

Por tudo isto, e sobretudo pelo que não fui capaz de vos transmitir, entendi que era dever da União das Misericórdias Portuguesas desafiar um conjunto de provedores e outros irmãos de Misericórdia a, mesmo neste tempo de crise ou talvez por causa dessa crise, a repetir comigo, no próximo ano, estes caminhos. Com a coordenação geral da Turicórdia, sempre com o apoio imprescindível da Professional Team, e com o privilegiadíssimo acompanhamento do responsável, do comissário da Terra Santa em Portugal, o irmão franciscano padre frei Miguel Loureiro, que nos dá a honra de ser o nosso guia na ocasião. A não perder!



Assim, como católico, não pude deixar de perceber melhor a aquela região e a identificação dos valores da pobreza com a fé. E, até, ser para mim definitivo, que sejam os franciscanos os nossos representantes de eleição naquelas partes do mundo

ERRATA

Por lapso, publicamos erradamente um dos excertos da entrevista do presidente da UMP ao jornal Voz das Misericórdias de janeiro.

Na página 6, à pergunta “**O debate sobre as funções sociais do Estado tem estado na ordem do dia, nacionalmente mas também no universo das Misericórdias. Com**

base em toda a sua experiência profissional, o que podemos esperar deste debate?”, Manuel de Lemos respondeu o seguinte:

“Este debate não se pode separar de muitas outras coisas. Em primeiro lugar, não se pode separar do que é legítimo esperar de uma civilização ocidental. Estamos também inseridos num espaço económico e

político muito privilegiado que é a União Europeia. Vai em breve entrar em funcionamento um novo quadro comunitário que vai disponibilizar verbas muitíssimo significativas para o nosso país e entre os seus eixos fundamentais estão o combate à exclusão e a proteção do envelhecimento. Ou seja, desafios sociais da Europa. Portanto, uma das razões para vir esse dinheiro para Portugal

assenta numa certa ideia de Estado social. Do nosso ponto de vista, há um conjunto de valores, que até mergulham muito nas nossas raízes católicas, que justifica a proteção das crianças em risco, dos deficientes, aos doentes etc. Para isso é que vale a pena estarmos na União Europeia. Há uma série de juízos que temos de colocar em cima da mesa, tendo em atenção que ao fi-

nal do dia é preciso fazer contas. Ou seja, se não tivermos receitas que suportem isto, não vamos poder ter esses apoios. Neste quadro de proteção e de orgulho europeu, só há duas formas de conseguirmos isso: aumentando a produtividade para termos mais recursos e aumentando também a natalidade.”



Ílhavo
Quem canta
por gosto
não cansa

Em Foco → Pág. 14

Murtosa
Carnaval
para todas
as idades

Em Ação → Pág. 12



Vila do Conde
Funcionários
na procissão
dos Passos

Em Ação → Pág. 12

ÚLTIMAHORA

02/13
www.ump.pt

Parlamento quer abertura de cuidados continuados

Assembleia da República pediu ao governo a abertura e o **funcionamento das unidades** de cuidados continuados já concluídas ou em fase conclusão

Bethania Pagin

Na resolução publicada no Diário da República de 26 de fevereiro, a Assembleia da República pede que o governo promova a abertura e o funcionamento das unidades de cuidados continuados já concluídas ou cuja conclusão se verifique até final do ano. Em causa estão as unidades das Misericórdias de Oliveira do Bairro, São João da Madeira, Serpa, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Pampilhosa da Serra, Almeida, Manteigas, Pedrógão Grande, Porto de Mós, Vila de Pereira, Amarante, Montijo, Barreiro, Ponte da Barca, Cinfães e Sernancelhe.

31 novos provedores nas Santas Casas

Um pouco por todo o país, as Misericórdias voltaram a eleger novos corpos sociais. Ao todo, **são 29 as Santas Casas** com novos provedores e provedoras

Bethania Pagin

Um pouco por todo o país, as Misericórdias voltaram a eleger novos corpos sociais. Ao que a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) conseguiu apurar, entre os anos de 2012 e 2013, foram 31 as Santas Casas onde novos provedores e provedoras assumiram funções à frente da Mesa Administrativa.

São eles: Oliveira do Bairro, Jorge Pereira Abrantes, Cuba, Luís Santa Rita, Celorico de Bastos, Maria da Graça Gonçalves da Mota, Alfandega da Fé, Maria Ermelinda Martins Salgueiro, Torre de Moncorvo, Fernando Manuel Gil, Álvaro, João Freire, Belmonte, Anabela Pinto, S.



Tomada de posse na Misericórdia do Crato

Mateus de Botão, Adelino Seco, Alcáçovas, António Manuel Baguinho, Évora, Luís Filipe Alfacinha de Brito, Montemor-o-Novo, Júlio José Pina Vilela, Albufeira, Patrícia Seromenho, Portimão, João Amado, Almeida, Carlos A. Maia Pereira, Figueira de Castelo Rodrigo, António Manuel Nu-

nes, Seia, Alcides Henriques, Ansião, José Rodrigues Neves, Castanheira de Pera, Emanuel Carlos de Almeida Joaquim, Santa Cruz da Madeira, Manuel da Encarnação Vieira, Fronteira, Jaime H. Ramos Teles, Montalvão, Rui Coutinho, Marco de Canaveses, Maria Amélia Ferreira, Paredes, Ilídio

da Silva Meireles, Almeirim, José Brancamp Lobo de Vasconcellos, Pernes, Manuel João M. Frazão, Salvaterra de Magos, Francisco Viegas, Torres Novas, Gonçalo José S. de Azevedo, Barreiro, Sara de Oliveira, Sabrosa, Elói Teixeira Gomes, Moimenta da Beira, José Agostinho G. Correia, Penalva do Castelo, Michael de Pina Batista, e Viseu, Adelino Almeida Costa.

As Misericórdias onde decorreram eleições foram: Anadia, Aveiro, Espinho, Vale de Cambra, Ourique, Póvoa de Lanhoso, Algofo, Carraceda de Ansiães, Vila de Pereira, Borba, Lagos, Moncarapacho, S. Brás de Alportel, Monsanto, Aldeia Galega da Merceana, Amadora, Cascais, Ericeira, Beja, Crato (na foto), Gáfete, Nisa, Sousel, Baião, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Valongo, Benavente, Rio Maior, Santarém, Vila Nova da Barquinha, Almada, Alcácer do Sal, Grândola, Setúbal, Sines, Montalegre, Vila Real, Sernancelhe, Vouzela, Lagoa e Maia (ambas nos Açores).

Descubra a Misericórdia na sua terra

Abrantes Águeda Aguiar da Beira Alandroal Albergaria-a-Velha Albufeira Alcácer do Sal Alcáçovas Alcafozes Alcanede Alcantarilha Alcobaca Alcochete Alcoutim Aldeia Galega da Merceana Alegrete Alenquer Alfaiates Alfândega da Fé Alfeizerão Algofo Alhandra Alhos Vedros Alijó Aljezur Aljubarrota Aljustrel Almada Almeida Almeirim Almodovar Alpalhão Alpedrinha Altares Alter do Chão Alvaiázere Álvaro Alverca da Beira Alverca Alvito Alvor Alvorge Amadora Amarante Amares Amieira do Tejo Anadia Angra do Heroísmo Ansião Arcos de Valdevez Arez Arganil Armação de Pera Armamar Arouca Arraiolos Arronches Arruda dos Vinhos Atouguia da Baleia Aveiro Avis Azambuja Azaruja Azeitão Azinhaga Azinhoso Azurara Baião Barcelos Barreiro Batalha Beja Belmonte Benavente Benedita Boliqueime Bombaral Borba Boticas Braga Bragança Buarcos Cabeção Cabeço de Vide Cabrela Cadaval Caldas da Rainha Calheta/Açores Calheta/Madeira Caminha Campo Maior Canas de Senhorim Canha Cano Cantanhede Cardigos Carraceda de Ansiães Carregal do Sal Cartaxo Cascais Castanheira de Pera Castelo Branco Castelo de Paiva Castelo de Vide Castro Daire Castro Marim Celorico da Beira Cerva Chamusca Chaves Cinfães Coimbra Condeixa-a-Nova Constância Coruche Corvo Covilhã Crato Cuba Elvas Entradas Entroncamento Ericeira Espinho Esposende Estarreja Estombar Estremoz Évora Évoramonte Fafe Fão Faro Fátima/Ourém Felgueiras Ferreira do Alentejo Ferreira do Zêzere Figueira de Castelo Rodrigo Figueiró dos Vinhos Fornos de Algodres Freamunde Freixo de Espada à Cinta Fronteira Funchal Fundão Gáfete Galizes Gavião Góis Golegã Gondomar Gouveia Grândola Guarda Guimarães Horta Idanha-a-Nova Ílhavo Ladoeiro Lages das Flores Lages do Pico Lagoa Lagoa/Açores Lagos Lamego Lavre Leiria Linhares Loulé Loures Lourçal Lourinhã Lousã Lousada Mação Macedo de Cavaleiros Machico Madalena Mafra Maia/Açores Maia/Porto Mangualde Manteigas Marco de Canaveses Marinha Grande Marteleira Marvão Matosinhos Mealhada Meda Medelim Melgaço Melo Mértola Mesão Frio Messejana Mexilhoeira Grande Miranda do Corvo Miranda do Douro Mirandela Mogadouro Moimenta da Beira Monção Moncarapacho Monchique Mondim de Basto Monforte Monsanto Monsaraz Montalegre Montalvão Montargil Montemor-o-Novo Montemor-o-Velho Montijo Mora Mortágua Moscardide Moura Mourão Murça Murtosa Nazaré Nisa Nordeste Obra da Figueira Odemira Oeiras Oleiros Olhão Oliveira de Azeméis Oliveira de Frades Oliveira do Bairro Ourique Ovar Paços de Ferreira Palmela Pampilhosa da Serra Paredes de Coura Paredes Pavia Pedrogão Grande Pedrogão Pequeno Penacova Penafiel Penalva do Castelo Penamacor Penela da Beira Penela Peniche Pernes Peso da Régua Pinhel Pombal Ponta Delgada Ponte da Barca Ponte de Lima Ponte de Sor Portalegre Portel Portimão Porto de Mós Porto Santo Porto Póvoa de Lanhoso Póvoa de Santo Adrião Póvoa de Varzim Povoação Praia da Vitória Proença-a-Nova Proença-a-Velha Redinha Redondo Reguengos de Monsaraz Resende Riba de Ave Ribeira de Pena Ribeira Grande Rio Maior Rosmaninhal S. Bento Arnóia/Celorico de Basto S. Brás de Alportel S. João da Madeira S. João da Pesqueira S. Mateus do Botão S. Miguel de Refojos/Cabeceiras de Basto S. Pedro do Sul S. Roque de Lisboa S. Roque do Pico S. Sebastião S. Vicente da Beira Sabrosa Sabugal Salvaterra de Magos Salvaterra do Extremo Sangalhos Santa Clara-a-Velha Santa Comba Dão Santa Cruz/Madeira Santa Cruz da Graciosa Santa Cruz das Flores Santa Maria da Feira Santar Santarém Santiago do Cacém Santo Tirso Santulhão Sardoal Sarzedas Segura Seia Seixal Semide Sernancelhe Serpa Sertã Sesimbra Setúbal Sever do Vouga Silves Sines Sintra Soalheira Sobral de Monte Agraço Sobreira Formosa Soure Sousel Souto Tábua Tabuaço Tarouca Tavira Tentúgal Terena Tomar Tondela Torrão Torre de Moncorvo Torres Novas Torres Vedras Trancoso Trofa Unhão Vagos Vale de Besteiros Vale de Cambra Valença Valongo Valpaços Veiros Venda do Pinheiro Vendas Novas Viana do Castelo Vidigueira Vieira do Minho Vila Alva Vila Cova de Alva Vila de Cucujães Vila de Frades Vila de Óbidos Vila de Pereira Vila de Rei Vila de Velas Vila do Bispo Vila do Conde Vila do Porto Vila Flor Vila Franca de Xira Vila Franca do Campo Vila Nova da Barquinha Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vila Nova de Foz Côa Vila Nova de Gaia Vila Nova de Poiares Vila Pouca de Aguiar Vila Praia da Graciosa Vila Real de Santo António Vila Real Vila Velha de Rodão Vila Verde Vila Viçosa Vimeiro Vimieiro Vimioso Vinhais Viseu Vizela Vouzela

Onde mora a solidariedade